



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E  
SECUNDÁRIO

Ano letivo 2012/2013

4.º Semestre

ESTÁGIO PEDAGÓGICO

# RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

MIGUEL ÂNGELO DO CARMO SERINA

2008021280

COIMBRA, 2013

**MIGUEL ÂNGELO DO CARMO SERINA [2008021280]**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
SECUNDÁRIA JOSÉ FALCÃO JUNTO DA TURMA 4 DO 10.º ANO NO ANO  
LETIVO DE 2012/ 2013**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física – Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário.

**Orientador FCDEF-UC: Professor  
Doutor Carlos Gonçalves**

**COIMBRA  
2013**

**Esta obra deve ser citada como:**

Serina, M. (2013). *Relatório Final de Estágio*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Eu, Miguel Ângelo do Carmo Serina, aluno nº 2008021280 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

Miguel Ângelo do Carmo Serina

08 de Junho de 2013

## AGRADECIMENTOS

Não seria necessário evidenciar alguém neste capítulo porque as pessoas a quem eu devo agradecer sabem bem o quão importantes foram neste meu percurso acadêmico, contudo não posso deixar de o fazer.

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os professores que tive, desde o ensino básico até ao ensino superior, por todas as suas contribuições ao nível da minha formação académica, por me ajudarem a crescer nos mais variados sentidos.

Em segundo lugar quero agradecer a todos os meus amigos pela contribuição que tiveram nesta jornada da minha vida como estudante. Uns mais que outros, é certo, mas todos me ajudaram através de bons e também maus exemplos.

Por último mas não menos importante, antes pelo contrário, quero não só agradecer como homenagear a minha família, destacando a minha mãe, o meu padrasto, o meu irmão e os meus avós. Sem eles nada disto teria sido possível. Foram eles que me deram todo apoio para nunca desistir, para melhorar dia após dia. É neles que eu me apoio quando estou quase a cair, é neles que penso quando estou prestes a desistir porque o meu medo nunca foi falhar mas sim desiludi-los. Sempre fiz todos os esforços para que se orgulhassem de mim, assim como eu me orgulho deles. Tudo o que sou a eles lhes devo e por isso estarei eternamente grato.

Falta ainda uma pessoa que nunca esteve presente fisicamente mas tenho a certeza que sempre me acompanhou e acompanha. Uma pessoa que faz falta a qualquer criança e até a qualquer adulto – um pai. O meu pai faleceu quando eu era ainda muito novo mas não foi por isso que cresci de maneira diferente de outras crianças, nunca foi uma desculpa para desistir porque assim seria fácil, o difícil é querer lutar e batalhar para ser alguém. Tive a sorte de ter o melhor irmão que alguém pode ter, um irmão que para além de “mano” mais velho é também o meu melhor amigo e o meu pai.

Ao meu irmão e à minha mãe um obrigado gigante e saibam que nunca mas mesmo nunca me esquecerei de vocês como sendo o exemplo perfeito do que é ser um Homem e um Mulher.

## RESUMO

Este documento é intrínseco às unidades curriculares de Estágio Pedagógico e de Relatório de Estágio, presentes no plano curricular do 3º e 4º semestre, do segundo ano, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. É um documento reflexivo, onde é possível selecionar aquilo que foi proveitoso e por outro lado reajustar o necessário em futuras realidades ao longo do percurso profissional que me espera.

O Estágio Pedagógico é o culminar de um ciclo de estudos, o momento de aplicação, o momento de colocar em prática tudo o que nos foi ensinado com a dificuldade acrescida do contacto com a realidade de um verdadeiro contexto específico. É o período onde, pela primeira vez na minha vida, me tratam por “stor”. Contudo, não deixa de ser um período de extrema importância na minha formação. O Estágio pedagógico que realizei na Escola Secundária José Falcão, constitui, desta forma, o término de uma formação académica, repleta de aquisições não só curriculares como também humanistas de forma a dar resposta e a ultrapassar todos os obstáculos no meu desempenho como futuro professor.

A transição entre a teoria e a prática só é possível com a aplicação de um olhar crítico sobre o contexto real de prática pedagógica, utilizando os meios mais eficazes para o desenvolvimento de aprendizagens significativas dada a especificidade da realidade imposta.

Terminada esta etapa de aproximação à prática docente profissional, é necessário descrever todo o processo até então vivido, interligando toda a didática e pedagogia utilizada com o respetivo balanço reflexivo. Só assim é que me é permitido ter um conhecimento holístico do processo ensino-aprendizagem inerente à complexidade e ambiguidade das funções de um ator impar da relação pedagógica – o professor.

**Palavras-Chave:** Estágio Pedagógico. Professor. Alunos. Processo ensino-aprendizagem. Intervenção Pedagógica. Planeamento. Realização. Avaliação. Estratégias Pedagógicas.

## ABSTRACT

This document is an essential part of the curricular units that integrate both the pedagogical training and the training report, as part of the curricular plan of the 3<sup>rd</sup> and 4<sup>th</sup> semesters of the 2<sup>nd</sup> year of the Master Studies in Physical Education Applied to the Elementary and Secondary school, by the University of Coimbra.

It is a reflexive study where, on the one hand, it is possible to select what has been more advantageous and, on the other hand, where it is possible to adjust whatever necessary in future contexts throughout my professional track.

The pedagogical training is the final step of a cycle of studies, the moment of application and of putting into practice everything we were taught but with a growing difficulty, that's to say, the contact with a real and specific context. This is the period when, for the first time of my life students call me "stôr".

Nevertheless it's really a great period in my personal development. The pedagogical training I did at José Falcão Secondary School was the ending of the academic studies, full of curricular and human knowledge as a way to answer and overcome all the difficulties throughout my performance as a future teacher.

The transition between theory and practice is only possible if applicable with a critical view over the context of a real pedagogical practice, using the most efficient ways to develop significant learning experiences taking into account the specific conditions.

Once this step towards the professional teaching practice is over, it's necessary to outline all the process so far, linking all the didactics and pedagogy used with the corresponding reflexive balance.

This is the only way, for me, to have a holistic knowledge of the teaching/ learning process as a part of the complexity and ambiguity role of a unique actor in the pedagogical relation- the teacher.

**Key Words:** Pedagogical Training, Teacher, Students, Teaching/ Learning process, Pedagogical Intervention, Planning, Accomplishment, Evaluation/ Assessment, Pedagogical Strategies.

**LISTA DE FIGURAS**

Ilustração 1 - Critérios de avaliação gerais .....	38
Ilustração 2 - Critérios de avaliação adaptados a alunos com atestado médico .....	38
Ilustração 3 - Fatores relevantes da transmissão da informação .....	56
Ilustração 4 - Forma de composição feitas as intervenções .....	57
Ilustração 5 - Observação das aulas no 1.º Período .....	60
Ilustração 6 - Observação das aulas no 2.º Período .....	60
Ilustração 7 - Comparação entre o 1.º e 2.º Período .....	61

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ESJF: Escola Secundária José Falcão

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

CBAS - Sistema de Análise do Comportamento do Treinador

## SUMÁRIO

RESUMO .....	VI
ABSTRACT .....	VII
1. INTRODUÇÃO .....	14
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA .....	15
2.1. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (PIF) .....	15
2.2. Caracterização das condições de realização .....	16
2.2.1. Caracterização da escola .....	16
2.3.3. Caracterização da turma .....	16
2.3.5. Orientador de escola .....	17
2.3.6. Orientador de faculdade .....	17
3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	18
3.1. Planeamento e estratégias.....	18
3.1.1. Planeamento das matérias.....	18
3.1.2. Plano anual.....	19
3.1.3. Unidades Didáticas.....	21
3.1.4. Estratégias.....	22
3.1.5. Diferenciação Pedagógica .....	24
3.1.6. Inovação pedagógica.....	25
3.1.7. Planos de aula .....	26
3.2. Realização.....	29
3.2.1. Instrução.....	30
3.2.2. Gestão .....	32
3.2.3. Clima.....	33
3.2.4. Disciplina .....	35
3.2.5. Reflexões pós-aula .....	35
3.2.6. Observações de aula .....	36
3.3. Avaliação .....	36
3.3.1. Avaliação Diagnóstica.....	38
3.3.2. Avaliação formativa.....	39
3.3.3. Avaliação sumativa.....	40
3.4. Prestação global dos alunos.....	42
3.5. Dificuldades encontradas e aprendizagens adquiridas.....	45

3.6. Atitude ético-profissional.....	48
4. TEMA/PROBLEMA – OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA RELATIVO À COMUNICAÇÃO .....	50
4.1. Introdução.....	50
4.2 Revisão da Literatura.....	52
4.2.1 A importância do comportamento do professor no desempenho do aluno.....	52
4.2.2 O Feedback.....	53
4.2.3 Dimensões de intervenção pedagógica .....	54
4.2.4 Princípios de intervenção pedagógica.....	55
4.2.6 Técnicas de instrução em Educação Física .....	56
4.3 Metodologia .....	57
4.4 Resultados .....	59
4.5 Conclusão .....	66
5.CONCLUSÃO .....	67
6. BIBLIOGRAFIA.....	69
ANEXOS .....	72
Planeamento anual .....	72
Caracterização da turma .....	74
Plano de aula.....	80
Exemplo da folha de registo de presenças.....	81
Ficha Síntese.....	82
Exemplo de grelha de avaliação de final de período .....	83
Ficha de observação a colegas de estágio e outros professores .....	84

## 1. INTRODUÇÃO

Concluído mais um ciclo do meu percurso académico, apresento então o relatório detalhado de todo o trabalho desenvolvido, como professor estagiário, na Escola Secundária José Falcão no ano letivo de 2012/2013.

O estágio pedagógico é a oportunidade que todos nós (futuros professores) temos de mostrar o que realmente sabemos, é a “prova final” que todos ansiamos porque, é afinal de contas, para isto que sempre trabalhamos. Apelidado como “prova final” devido ao seu momento específico e por ser o momento onde o professor estagiário põe em prática todo o conhecimento adquirido, através de uma intervenção pedagógica supervisionada. É, talvez, ao mesmo tempo a fase da nossa formação em que mais aprendemos. É bom não esquecer que acima de tudo ainda somos estudantes que, neste caso, temos responsabilidade na formação de outros jovens.

*“Os académicos em situação de estágio curricular supervisionado, encontram-se numa situação diferenciada e muito particularizada. Por um lado, ainda são estudantes universitários, por outro lado, são professores, tendo responsabilidade pelo ensino em escola pública...”*

(Pereira, 2008)

Deparamo-nos com contextos completamente diferentes que coagem num mesmo espaço e por isso surge a necessidade de adaptar tudo aquilo que aprendemos ao longo da licenciatura e mestrado a esse mesmo contexto específico que difere de escola para escola.

*“O estágio de ensino no meio escolar é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino”*

(Piéron, 1996).

Assim este Estágio Pedagógico assume um papel vital no processo de evolução e formação de qualquer aluno finalista, marcando a passagem do estatuto de aluno ao de professor, tornando-nos desta forma profissionais na nossa área de atuação.

Este relatório tem como principal objetivo descrever todo o processo de intervenção pedagógica realizado durante o ano letivo assim como a devida reflexão, procurando também realizar um balanço de todo o processo de ensino-aprendizagem.

No fundo, o presente documento tem como finalidade correlacionar elementos descritivos e reflexivos dos processos inerentes à realização do Estágio Pedagógico.

Este Relatório de Estágio contempla também o desenvolvimento mais aprofundado de um tema – Observação e análise do comportamento do professor de Educação Física relativo à comunicação.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA**

### **2.1. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (PIF)**

Finalmente, passados quatro anos de faculdade (três de licenciatura e um de mestrado) chegou o momento que tanto ansiava – o estágio pedagógico. Nesta altura, é desencadeada uma série de sentimentos, emoções, causadas pela ansiedade porque chegou o momento de provar, demonstrar, aplicar todas as competências adquiridas durante toda a formação no ensino superior, sendo assim um momento de reconhecimento, e conclusão, da minha formação como pedagogo da Educação Física.

No início tinha uma preocupação que passou pela consciência que eu, ainda que supervisionado pelo orientador de estágio, iria ter uma grande responsabilidade na formação dos alunos. Ou seja, tinha de ser um modelo para um grupo de jovens aprendizes que nestas fases das suas vidas por vezes parecem “perdidos” e as pessoas que acompanham a sua formação, não só a nível académico como também a nível pessoal e humano devem ter todo o cuidado.

De acordo com Machado (1995), no desempenho da sua função o professor, pode moldar o carácter dos jovens e, portanto, deixar marcas de grande significado nos alunos em formação.

As minhas expectativas iniciais baseiam-se em grandes benefícios para a minha formação académica, de modo a proporcionar-me bases para o exercício da minha futura profissão como profissional da Educação Física.

Desta forma, propus-me a aprender ao máximo durante o Estágio Pedagógico em todas as vertentes, acima de tudo nas que dizem respeito à dimensão profissional e ética, participação na escola, desenvolvimento e formação profissional, e desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Devido à pouca ou nenhuma experiência neste ambiente, procurarei sempre ouvir os conselhos do meu orientador e, tendo em conta a especificidade da minha turma, pretendo criar e desenvolver as situações mais apropriadas para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois temos de ser nós, professores, a adaptar todo o processo aos alunos.

## **2.2. Caracterização das condições de realização**

### **2.2.1. Caracterização da escola**

A Escola Secundária José Falcão, foi a escola que escolhi para realizar o meu estágio pedagógico. É uma escola que está bem situada na cidade de Coimbra. Tem excelentes condições para oferecer não só aos alunos como a todos os intervenientes que nela participam, desde professores a auxiliares de ação educativa. As pessoas responsáveis pela escola têm realizado um excelente trabalho e isso está à vista nos recursos materiais e humanos disponíveis. É uma escola bastante dinamizada e a prova disso é o número de projetos e parcerias que apresenta, em prol da formação dos seus alunos.

A Escola Secundária José Falcão é atualmente uma das melhores escolas secundárias do país, tendo ficado posicionada no 33º lugar do Ranking de Escolas em 2012, destacando-se o 8º lugar entre as escolas públicas.

### **2.3.3. Caracterização da turma**

A turma 4 do 10.º ano da Escola Secundária José Falcão, é uma turma de Ciências e Tecnologias. Quase 90% dos alunos da turma são do Concelho de Coimbra e mais de metade dos alunos já frequentavam a mesma escola no ano anterior.

É uma turma constituída na sua maioria por raparigas em que as suas idades variam entre os 14 e os 16 anos.

Nota-se que todos os alunos são amigos uns dos outros sem exceção, contudo é bem visível que dentro da turma existem dois ou três grupos de alunos com relações afetivas mais próximas.

As suas disciplinas favoritas são a Física e a Química e as que menos gostam são Inglês, Português e Biologia e Geologia.

Nos seus tempos livres, a maioria da turma pratica desporto, sendo alguns deles federados e com muito bons resultados a nível nacional.

Relativamente à saúde, há um aluno que sofre de asma e seis que têm dificuldades visuais. Neste campo é importante dizer que há alunos com alergias nomeadamente ao pólen, leite com chocolate, ao pó e ervas.

### **2.3.5. Orientador de escola**

O orientador de estágio da escola é o Professor Paulo Francisco, professor de Educação Física há mais de 20 anos. Quando o conheci pessoalmente, ele mostrou-se uma pessoa muito aberta e disponível para nos ajudar no período que viria a ser fulcral na nossa formação – o estágio pedagógico. Ao longo do ano, através das suas críticas construtivas, aprendi imenso. Com ele, estivemos sempre à vontade para ser autónomos nas nossas aulas e isso fez com que no início falhássemos muito. Uma estratégia inteligente que o orientador utilizou para que desde cedo corrigisse os nossos principais erros, fazendo com que evoluíssemos de aula para aula.

Na escola, noto que é um professor respeitado não só pelos colegas de profissão como pelos alunos, o que é muito importante e nem sempre todos os professores o conseguem.

Assim, sendo o Professor Paulo Francisco foi principal agente neste estágio, o seu papel foi de enorme importância em todo o sucesso na atividade pedagógica e não só. Foi criada a proximidade desejável entre orientador e estagiários, cabendo-nos a nós respeitar a hierarquia que nos separava.

### **2.3.6. Orientador de faculdade**

Relativamente ao orientador da Faculdade, o professor Carlos Gonçalves, há que referir que já o conhecia como professor da faculdade. É um professor, também, com muitos anos de experiência, um conhecedor inconfundível e respeitado devido ao seu invejável currículo nas Ciências do Desporto. Há que referir que os dois

orientadores já se conheciam o que facilitou a articulação e colaboração fluida entre todos.

### **3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

#### **3.1. Planejamento e estratégias**

*“A organização planejada e coordenada das atividades humanas, a direção pedagógica de pessoas e grupos de pessoas são uma condição imprescindível do desenvolvimento racional de personalidades”*

(Bento, J.)

Todo o planejamento que é previamente realizado é equiparado a um projeto que poderá ser moldado às características específicas de um determinado contexto. Os documentos que integram todo o planejamento têm em conta a especificidade da escola, os recursos disponíveis e as decisões de ajustamento do grupo de Educação Física.

O planejamento de todo o processo de ensino, a sua aplicação / realização, a avaliação e ainda a componente ético-profissional são os quatro grandes pilares das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas neste Estágio Pedagógico.

##### **3.1.1. Planejamento das matérias**

Após serem escolhidas as matérias a lecionar no ano letivo, há que planejar a forma e os momentos para a sua lecionação de modo a que os alunos sejam beneficiados nas suas aprendizagens. Não seria possível fazê-lo sem ter em conta os espaços disponíveis assim como a rotação dos mesmos pelas diferentes turmas na escola.

Neste sentido, existem dois modelos de diferente abordagem às matérias: o modelo de planificação por blocos e o modelo de planificação por etapas.

O modelo de planificação por etapas pressupõe que haja um período de avaliação inicial em todas as matérias e que sejam definidos objetivos finais para serem alcançados através de etapas, não havendo blocos de concentração exclusiva de uma matéria só num dado período de tempo. Possibilita a diferenciação

de atividades e dos tempos de contacto com cada matéria. O problema desta metodologia é o facto de necessitar de espaços polivalentes.

Por sua vez, o modelo de planificação por blocos caracteriza-se pelo tratamento de uma matéria onde há um período contínuo com um início e fim e não se volta a abordar tal matéria.

Na escola que realizei o Estágio Pedagógico (ESJF), o modelo adotado pelos professores responsáveis e seguido, obviamente, pelo núcleo de estágio foi o de planificação por blocos. Contudo, houve exceção em duas matérias, que para as quais planeei aulas durante dois e três períodos, com interrupções pelo meio, respeitando desta forma a planificação das atividades por etapas. Na minha opinião esta metodologia é mais benéfica para os alunos pelo facto de haver períodos de revisão / consolidação posteriores.

As matérias que ficaram definidas para serem lecionadas ao 10.º 4 da ESJF foram: Ginástica (de Solo e Acrobática); Atletismo (Estafetas); Futebol; Andebol; Voleibol; Dança Contemporânea.

### **3.1.2. Plano anual**

Segundo Januário (1992) o plano anual é o

*“...processo através do qual os professores aplicam e põem em prática os programas escolares, cumprindo sempre a importante função de os desenvolver e adaptar às condições do cenário de ensino – características da população escolar e do meio envolvente, do estabelecimento de ensino e dos alunos das diferentes turmas...”*

No ensino, é necessário realizar um plano global, integral e realista. Para que o ensino seja eficiente são necessárias reflexões estratégicas, balizadoras da ação durante todo o ano escolar. Contudo, o plano anual pode e deve ser reformulado e concretizado de acordo com as condições em que o ensino vai decorrer num ano letivo, ou de acordo com as possíveis alterações das condições.

Cada plano é específico a uma turma e deverá ir de encontro às necessidades dos alunos tendo em conta os recursos disponíveis de modo a melhorar as suas aprendizagens e conseqüentemente os seus resultados.

O documento é constituído por uma análise dos programas, pela caracterização do meio e da escola, pela caracterização da turma, pela caracterização dos recursos materiais e temporais, pela análise das decisões

tomadas pelo grupo de educação física relativamente às estratégias a utilizar, pela definição dos objetivos (nos três domínios: cognitivo, afetivo e psico-motor) que são traçados a partir da avaliação inicial.

Na análise dos programas deve-se ter em conta o PNEF, assim como as metas que estão traçadas para cada um dos níveis de ensino. No meu caso, tratou-se de uma turma do 10.º ano e portanto tive de consultar PNEF de forma a estudar as diferentes temáticas destinadas a esse ano, como por exemplo os objetivos propostos para cada matéria a lecionar.

A caracterização do meio e da escola é importante na medida em que me permitiu perceber alguns aspetos que considero importantes saber como é o caso do contexto social da maioria dos alunos que frequentam a escola. Esta tarefa já tinha sido realizada, pelo que me limitei a consultar.

Por sua vez, a realização da caracterização da turma foi uma função que me deu muito prazer realizar. Deste modo, fiquei a conhecer os “meus” alunos, podendo tratá-los de uma forma individualizada, atendendo às suas características pessoais e individuais. Para além de um trabalho que me é útil a mim, foi também de igual modo útil para os outros professores da turma.

Os recursos materiais e espaciais foram-me logo apresentados nos primeiros dias numa espécie de apresentação à escola. Não fiquei admirado porque já tinha boas referências da escola, fiquei sim surpreendido, pela positiva, com a quantidade e qualidade dos espaços e materiais disponíveis. De facto, é de louvar a escola por poder oferecer tais condições aos seus alunos quando sei bem que a realidade da maioria das escolas do país não apresenta nem de perto algo semelhante.

Relativamente aos recursos temporais, o orientador de estágio, Professor Paulo Francisco, já tinha tudo definido porque logo no início do ano, juntamente com os seus colegas de subdepartamento definiram quais as matérias a abordar em cada ano bem como o mapa de rotação pelos espaços entre professores de Educação Física.

As estratégias a utilizar foram definidas por mim em cada unidade didática, contudo sempre com a ajuda do orientador.

Por último, mas não menos importante, foi tratada a avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa). Na ESJF, todos os professores de Educação Física realizaram uma avaliação inicial a todas as matérias a abordar durante o ano letivo (durante as três primeiras semanas). Em conjunto com os meus colegas do núcleo

de estagio e sob orientação do Professor Paulo Francisco, foram definidos os melhores métodos assim como todos os parâmetros de avaliação para cada matéria sendo os alunos classificados (inicialmente) em três níveis: introdutório, elementar e avançado. A partir daqui houve uma reformulação adequada dos objetivos que estavam estipulados no PNEF. Relativamente à avaliação formativa, tenho a dizer que esta foi continua e realizada em todas as aulas, sendo que em algumas matérias houve mesmo momentos formais de avaliação formativa.

### **3.1.3. Unidades Didáticas**

Unidades didáticas são documentos que facilitam a tarefa do professor na lecionação de uma determinada matéria. Pode ser considerado um guia, servindo de orientação ao próprio autor (professor) sendo parte essencial do programa de uma disciplina.

“Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” (Bento, 2003).

A construção deste documento deve ser iniciada antes da lecionação da matéria a ser tratada e concluída após o término da mesma. Há parâmetros que não se podem realizar sem a matéria ter acabado como por exemplo o balanço final ou o relatório da avaliação sumativa. Contudo, a unidade didática é um documento em constante remodelação devido à evolução, quer positiva quer negativa, dos alunos, devido a alterações aos espaços destinados, entre outros.

Segundo Bento (2003),

*“o planeamento da unidade didática não deve dirigir-se preferencialmente para a matéria «em si mesma» - a abordar nela – mas sim para o desenvolvimento da personalidade (capacidades, habilidades, conhecimentos, atitudes) dos alunos, pelo que deve, sobretudo, explicitar as funções principais assumidas naquele sentido por cada aula.”*

Não existe uma ordem de parâmetros para a construção de uma unidade didática, sendo que como já foi referido anteriormente, este é um documento orientador e facilitador para o professor que o consulta, estruturando-o ele da maneira que achar melhor. Contudo, cada unidade didática deve conter uma caracterização e estrutura de conhecimentos da matéria, relatório da avaliação inicial, seleção de objetivos, estratégias de abordagem, extensão e sequência de

conteúdos, avaliação, progressões pedagógicas e reflexão final, podendo o autor acrescentar mais elementos, caso ache pertinente.

Ainda que o ponto de partida para a seleção dos objetivos seja o PNEF, a avaliação diagnóstica possui aqui um papel muito importante na medida em que é após esta etapa que o professor deve adequar os objetivos e a extensão e sequência dos conteúdos, adaptando-os às características da turma e aos recursos disponíveis. Após esta fase, são então definidas as estratégias de todo o processo ensino-aprendizagem. Para facilitar o alcance dos objetivos, o professor deve começar do mais básico para o mais complexo, indo desta forma, ao encontro das progressões pedagógicas.

No final, o professor deve efetuar uma reflexão crítica, onde aborda todas as decisões tomadas ao longo da abordagem à matéria, assim como o efeito das estratégias aplicadas.

No meu caso, e no dos meus colegas de estágio, o professor orientador, tinha sempre grande “preocupação” na construção antecipada da extensão e sequência dos conteúdos, mesmo antes da avaliação diagnóstica. Sempre foi a primeira etapa a ser realizada, sendo que depois da avaliação inicial e ao longo das aulas, essa extensão e sequência dos conteúdos poderia ser alterada, como realmente foi na maioria dos casos.

#### **3.1.4. Estratégias**

No início do ano letivo, foi necessário delinear estratégias de intervenção pedagógica que beneficiassem os alunos e potenciassem as suas aprendizagens, atendendo às especificidades de cada um.

É bom não esquecer que todo o programa até então planeado deve ser abordado com alguma flexibilidade..

Nas primeiras aulas de cada unidade didática, foram introduzidos os conteúdos iniciais, para numa fase posterior assimilarem, e através da exercitação, conseguirem consolidar as suas aprendizagens.

Cada matéria, coletiva e individual teve estratégias específicas. Nos JDC, os alunos começavam pela exercitação dos gestos técnicos gerais, depois por situações analíticas de jogo com progressões ao longo do tempo, chegando por fim ao jogo formal. Nas modalidades individuais como é o caso da ginástica de solo,

tentei sempre adequar os objetivos a cada aluno, exigindo mais ou menos de cada um de acordo com a sua evolução ao longo das aulas. Por exemplo, tinha uma aluna federada em ginástica acrobática de competição e como é óbvio, o trabalho que ela realizava nas aulas era completamente diferente dos colegas. Procurei atribuir-lhe outro tipo de exercícios muito mais complexos que uma simples ponte, ou rolamento à frente. Desta forma, a aula para ela era entusiasmante tal como as outras, caso contrario podia haver uma desmotivação.

O trabalho por estações também se revelou muito bom na medida em que se maximiza o tempo de prática dos alunos reduzindo os tempos de espera e de inatividade motora.

O recurso a competições dentro da turma também se revelou uma estratégia muito inteligente. Os alunos nestas idades são muito competitivos entre eles e nenhum gosta de ser o último em algo. Então ao promover, competições entre os alunos da turma, notou-se que o empenho e a motivação na execução das tarefas aumentou muito. Esta estratégia foi utilizada em quase todas as unidades didáticas. Para além da competição, procurei sempre destacar os “campeões” com algum prémio simbólico para que sempre que esta estratégia fosse utilizada eles ganhassem ainda uma motivação extra. Esta competição saudável contribuiu bastante para o clima da aula.

É importante referir que os alunos que não realizavam aula prática, eram incluídos nas tarefas da mesma, através de funções de ajuda aos colegas, arbitragem, como meu ajudante na organização e recolha do material, entre outros. Daí o equipamento desportivo ser sempre obrigatório, independentemente se fazem aula ou não.

Em relação aos estilos de ensino propostos por Mosston, o mais utilizado foi o estilo de ensino por comando, dando pouca liberdade aos alunos, atribuindo um maior controlo ao professor.

Os estilos de ensino por tarefa, reciproco e descoberta guiada também foram aplicados sempre que eu achei que dessa forma potenciasses melhor as aprendizagens dos alunos.

Por vezes há alunos que aprendem melhor com um colega, um amigo do que com o professor porque estão mais à vontade, não têm medo de falhar. Nesta altura, o estilo de ensino recíproco deve ser aplicado. O aluno de nível de aptidão superior ajuda o colega, potenciando as relações interpessoais e a socialização.

O estilo de ensino por tarefa foi importante em modalidades como a ginástica ou no atletismo onde os alunos não necessitam de estar a realizar a mesma tarefa ao mesmo tempo devido aos diferentes ritmos de aprendizagem. Aqui as aulas eram dadas em forma de circuito com várias estações onde os diferentes grupos de alunos rodavam por todas.

O estilo de ensino por descoberta guiada foi utilizado maioritariamente na Dança, onde os alunos depois das aulas iniciais já saberem os conteúdos e os gestos técnicos se organizaram entre eles e trabalharam em grupos na criação de uma coreografia de dança. Neste estilo de ensino é dada muita autonomia aos alunos, mas sempre com a supervisão do professor.

Em relação à metodologia de trabalho implementada nas aulas, optei inicialmente por efetuar grupos de nível, ou seja, grupos homogêneos para que evoluíssem em ritmos diferentes de acordo com as suas características individuais. Contudo, ao longo das aulas, apercebi-me que esta não seria a melhor forma de rentabilizar o trabalho e então optei por fazer grupos tendo em conta as relações afetivas. Desta forma os alunos empenham-se mais e não há o problema que havia de comparação com os outros ou o medo de se sentirem como “os mais fracos” ou “os melhores”. O clima da aula é muito mais favorável e torna-se mais fácil para o professor. É claro que por vezes é necessário fazer pequenos ajustamentos e “mexer” nos grupos, tirando um ou dois alunos de um grupo para os colocar noutro para aumentar a competitividade ou igualar a oportunidade de sucesso de todos.

### **3.1.5. Diferenciação Pedagógica**

Tal como o nome indica, diferenciação pedagógica significa diferenciar, individualizar. Os alunos são todos iguais e são, ao mesmo tempo, todos diferentes.

O professor deve obedecer a uma pedagogia variada, diversificando as propostas ainda que siga uma “linha” (falsamente) uniforme.

Nem todos os alunos trabalham ao mesmo ritmo, durante o mesmo tempo e pelos mesmos itinerários.

Para se diferenciar, tem de existir uma flexibilização do processo ensino-aprendizagem – tempo, matérias, metodologias de ensino, formas de avaliar a aprendizagem. Deve ser realizada uma avaliação eficaz e contínua acerca das necessidades de cada aluno. As atividades propostas devem ser pensadas e

diferenciadas para os diferentes grupos de alunos, adequadas ao seu nível. É importante que todos obtenham sucesso para não dar lugar à desmotivação.

Em suma, a diferenciação deve verificar-se ao nível dos processos, dos conteúdos, dos produtos (não se pode esperar o mesmo do aluno A e B) e da informação, ao nível do Feedback. Este último é muito importante, eu por exemplo, não falo de forma igual para todos os alunos, há alunos que requerem mais atenção que outros, há alunos que tenho de explicar duas ou três vezes de maneira diferente e outros que entendem à primeira. É necessário utilizar tipos de linguagem diferentes, para uns mais formal, para outros mais informal.

Ao longo do ano tentei realizar toda a minha ação tendo em conta todos estes fatores acima referidos. Por vezes é difícil, principalmente quando os alunos são bastante competitivos e os melhores querem ter as mesmas “regalias” que os piores. Ou até mesmo quando os alunos menos aptos fisicamente percebem que a sua tarefa é mais simplificada ficam chateados e confrontam o professor acerca dos porquês. Foi, por vezes, difícil lidar com algumas destas situações mas penso que contornei os problemas deste género e no fundo todos acabaram por perceber o significado de tais estratégias.

### **3.1.6. Inovação pedagógica**

Deve haver a preocupação em inovar as práticas pedagógicas de forma a oferecer aos alunos novas experiências que se traduzam em aprendizagens significativas e globalizantes.

Para que haja inovação no cenário educativo, é fundamental refletir sobre a competência do saber inovar sob o ponto da criatividade, utilizar os recursos tecnológicos, avaliar e aliar a metodologia de ensino como uma dinâmica imprescindível para a construção de uma prática pedagógica transformadora.

Em relação ao meu estágio pedagógico, tentei sempre dar algo mais aos alunos, algo diferente que os motivasse, que fizesse com que eles tivessem gosto em estar na aula de Educação Física. Este meu pensamento, passou pela utilização de uma metodologia criativa e inovadora. Ao longo do ano procurei adaptar estratégias neste sentido, sempre com o objetivo de maximizar as aprendizagens dos alunos. O apoio do professor orientador foi importante na medida em que

sempre nos apoiou neste sentido, ao dar-nos todo o apoio e autonomia para que realizássemos este tipo de “experiencias”.

Uma das práticas pedagógicas que, tanto eu como os meus colegas, utilizámos foi as filmagens em algumas aulas, tanto de avaliação formativa como sumativa. Isto ajudou-nos a identificar os principais erros nos seus desempenhos, de uma forma mais específica e precisa, podendo desta forma melhorar o nosso feedback (na avaliação formativa). Em relação à avaliação sumativa, o objetivo foi igual, ajudou-nos a realizar uma avaliação justa, sem erros e muito precisa. As filmagens foram assim muito uteis e os maiores beneficiados foram os alunos.

Outra estratégia inovadora, foi o facto de termos utilizado meios gráficos, nomeadamente na Ginástica Acrobática, através de documentos realizados por nós, com explicações muito sucintas e ilustrações elucidativas do que se pretendia.

A competição dentro da turma, foi também uma prática pedagógica inovadora com resultados muito positivos melhorando o interesse dos alunos, a motivação, o rigor e conseqüentemente os seus desempenhos, melhorando significativamente as suas aprendizagens.

### **3.1.7. Planos de aula**

O plano de aula é das tarefas mais importantes que o professor faz, porque afinal de contas é o momento prático de todo o planeamento. Segundo Bento (2003) “a aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor”.

O plano de aula deve ser pensado e realizado antes da aula e deve ir de encontro aos objetivos da unidade didática e conseqüentemente aos do plano anual.

Segundo Bento (2003),

*“Antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais. Tais são, por exemplo, decisões sobre o objetivo geral e objetivos parciais ou intermédios, sobre a escolha e ordenamento da matéria, sobre os pontos fulcrais da aula, sobre as principais tarefas didáticas, sobre a direção principal das ideias e procedimentos metodológicos.”*

Ainda assim, o plano de aula é um documento de apoio, onde o professor não tem necessariamente que o cumprir. É um projeto suscetível a mudanças, alterações atendendo às variáveis imprevisíveis que o contexto possa apresentar.

Na estrutura do plano de aula deve constar uma primeira parte, onde se faz a identificação de todos os aspetos relacionados com a aula, como por exemplo a turma, a data, o número da aula, entre outros e a segunda parte caracteriza-se pela descrição de todo o processo de ensino- aprendizagem planeado, que por sua vez divide-se em três partes: inicial, fundamental e final.

Na Parte Inicial ou Preparatória – preparar os alunos para o trabalho que será desenvolvido;

Na Parte Principal ou Fundamental – atingir os objetivos operacionais definidos para a aula;

Na Parte Final ou de Encerramento – reduzir progressivamente o trabalho para permitir que o organismo volte a um estado tão próximo quanto possível do estado inicial.

Pós aula, no balanço final, o professor deve realizar uma reflexão crítica da mesma, descrevendo o que esteve mal, o que esteve bem, se determinado exercício foi adequado ou não. Deve fazer, também, uma autoanálise ao seu desempenho nas várias dimensões conhecidas (instrução, por exemplo).

Na realização do plano de aula seguinte, o professor deve ter em conta a reflexão feita em relação à última aula para que desta forma não cometa os mesmos erros, se é que os cometeu anteriormente. Além disso as aulas (da mesma unidade didática) nunca devem ser completamente isoladas umas das outras, há que progredir de forma lógica nos conteúdos, nas exigências de forma a garantir alguma coerência tal como deve ter sido pensado na extensão e sequência de conteúdos.

Atendendo às diretrizes acima descritas, para o plano de aula do meu núcleo de estágio foi desenvolvida uma estrutura, em conjunto com o orientador Paulo Francisco, que se baseou em termos terminológicos, metodológicos e pedagógicos. Assim, no nosso plano de aula estavam identificados os seguintes itens: nome do professor, a turma, o número de alunos, a unidade didática, o número da aula, o número da aula da respetiva unidade didática, o local, a data, a hora, a duração, o tempo útil, os recursos materiais, os objetivos/ competências a desenvolver e a função didática (introdução, exercitação, consolidação, avaliação). Depois deste espaço identificativo e de contextualização da aula, vinha o desenho do plano de aula em si, onde se encontravam três partes distintas: parte inicial, fundamental e final. Nestas três partes eram identificadas as tarefas e a respetiva organização no

espaço, assim como os objetivos específicos e o estilo de ensino para cada uma. O tempo parcial e total estava também assinalado.

Ainda que discutíssemos o planeamento das aulas previamente às mesmas, tínhamos autonomia para sermos nós a construir o plano de aula, sendo que antes da aula, o plano fosse revisto pelo orientador, corrigindo ele o que achasse necessário. Ainda assim, o professor, em alguns momentos, deixou-nos experimentar certas metodologias que ele não estava totalmente de acordo para que nós pudéssemos aplicar e constatar que de facto não eram as melhores opções.

Quanto ao meu desempenho na realização dos planos de aula, tentei sempre ir de encontro aos parâmetros acima referidos.

Na parte inicial da aula, procurei sempre averiguar se alguém estava a faltar assim como registar os atrasos e as faltas material. Foi feita sempre uma primeira abordagem de receção aos alunos de forma a criar um bom clima de aula, através de conversas informais enquanto o resto dos alunos chegavam. Assim que estava na hora de começar a aula, reunia todos os alunos à minha frente e explicava os objetivos da aula e a forma como esta iria decorrer. Evitei, sempre que possível, o aquecimento tradicional, isolado dos objetivos da aula. Tive a preocupação de planear exercícios que fossem de encontro aos objetivos da aula, sendo específico de cada modalidade. Por exemplo, nos JDC, o aquecimento era realizado já com bola, havendo assim um transfer do aquecimento para os conteúdos específicos da aula. Desta forma os alunos familiarizam-se com a bola mais rapidamente devido ao maior tempo de contacto com a mesma, possibilitando assim um maior domínio e controlo sobre esta. Por vezes, nesta parte da aula, também foram realizados jogos lúdicos de forma a que o trabalho de equipa e cooperação entre os alunos fosse evidenciado. É bom não esquecer que o empenhamento motor nesta fase inicial da aula deve ser grande e é muito importante para o resto da aula. O aquecimento articular é também muito importante, assumindo particular consideração em algumas matérias como é o caso da ginástica.

Na parte fundamental da aula, é quando o professor põe à prova as suas capacidades metodológicas, onde a tarefa principal é atingir os objetivos da aula através da aplicação dos conteúdos planeados. Desta forma, no planeamento das partes fundamentais da aula, tentei sempre rentabilizar ao máximo o tempo disponível para potenciar e maximizar as aprendizagens dos alunos. Adotei sempre uma metodologia de progressão lógica, partindo dos conteúdos mais básicos nas

primeiras aulas e passando depois para uma complexificação dos exercícios aplicados, conforme a evolução dos alunos. Procurei ser bem explícito na explicação e organização dos exercícios assim como na dinâmica pretendida, evidenciando sempre o objetivo de cada um para que os alunos não tivessem dúvidas do que lhes era pedido.

Em relação à parte final da aula, quase sempre aproveitei para realizar trabalho de flexibilidade, dois a dois ou individualmente, enquanto que verificava as aprendizagens realizadas na aula através do questionamento. Era o momento de preparação da aula seguinte, lembrando o espaço e a matéria que iria ser abordada. Nesta fase da aula, deixava os alunos mais à vontade, podendo eles falar entre si, desde que estivessem a trabalhar. Eu próprio incentivava a conversa informal para os conhecer melhor e “cuscar” o seu desempenho em outras disciplinas, por exemplo.

Em suma, na preparação das minhas aulas, procurei sempre otimizar todas as partes, garantindo que o empenho motor dos alunos fosse elevado, atendendo ao pouco tempo útil disponível.

### **3.2. Realização**

Esta fase constitui o momento fulcral do processo de ensino - aprendizagem.

Todo o planeamento realizado, só faz sentido se bem aplicado. Na minha opinião, é esta a fase mais importante e difícil que o professor enfrenta. É o momento de contacto direto com os alunos, é onde são transmitidos os conhecimentos, responsabilizando o professor pelo processo ensino-aprendizagem onde tem de dar o seu melhor para potenciar ao máximo a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. Piéron, (1996) alega que as aprendizagens dos alunos derivam da interação dos efeitos das dimensões de intervenção pedagógica instrução, gestão, disciplina e clima. Estas dimensões não são isoladas umas das outras, estão interligadas, havendo influências diretas e indiretas entre elas. Elas interagem de forma dinâmica funcionando como um todo.

### 3.2.1. Instrução

Segundo Piéron (1996), “Um conhecimento técnico e uma preparação cuidadosa da intervenção são as condições indispensáveis ao sucesso.” O professor para ir de encontro aos objetivos propostos deve avaliar as necessidades, conceber e selecionar tarefas e exercícios, otimizando os recursos disponíveis. Através de explicações, comunicação de expectativas e exigências sobre o que deve ou não ser feito, o professor estimula as aprendizagens e supervisiona, orienta, regula e avalia os desempenhos dos alunos.

A comunicação por vezes deve ser adaptada às características individuais de cada aluno e/ ou a cada situação específica.

O Feedback assume grande importância na comunicação realizada pelo docente. McGown (1991) entende por feedback a informação que se obtém após uma resposta, e é geralmente vista como a mais importante variável que determina a aprendizagem, logo a seguir à prática propriamente dita. A principal função da informação de feedback é a de permitir ao executante avaliar a resposta dada, criando uma estrutura de referência para que o aluno possa detetar erros e tentar corrigi-los. Para Schmidt (1993) e Franco (2002) o feedback pode ser dividido em intrínseco e extrínseco. O intrínseco é a perceção que é automaticamente geral pelo próprio aluno em relação ao seu desempenho enquanto que o feedback extrínseco é a resposta informada ao executante por algum meio artificial, seja verbal, visual ou sonoro. É muito importante que após ser dado um feedback a um aluno, o professor complete o seu ciclo, de forma a que perceba se o feedback foi realmente eficiente, se teve o efeito pretendido.

Siedentop (1983) considera existirem destrezas técnicas de ensino pelas quais me fui regendo e aperfeiçoando ao longo do ano:

- Planear cuidadosamente as demonstrações, utilizando o modelo mais favorável. Na maioria dos casos fui eu que demonstrei o que pretendia, acompanhando sempre com a explicação e reforço das componentes críticas mais importantes. Optei quase sempre por evidenciar os principais erros para que os alunos pudessem constatar e perceber o que estavam a fazer mal, ou não. O posicionamento dos alunos em relação a quem demonstra constitui um fator, também, importante.

- Garantir a segurança dos alunos. O professor é responsável pelos alunos presentes na aula, pelo que tem de zelar pela sua integridade física. Há regras de segurança para o bom funcionamento da aula que foram comunicadas logo de início. Foi necessário, em matérias como ginástica e atletismo, ter alguns cuidados redobrados relativamente à organização dos exercícios, localização e disposição do material. Por exemplo nas aulas de ginástica, os alunos trabalhavam em pares para que um elemento executasse o exercício e o outro ajudasse. Ou em atletismo, onde se faziam provas de velocidade, eu tinha sempre a preocupação de verificar antes da aula se o piso estava escorregadio.
- Comunicar informação sem consumir tempo de aula foi uma tarefa que ao início foi difícil mas com o tempo melhorou. Quando se tem trinta e cinco minutos de aula, é essencial que o empenho motor dos alunos seja estimulado na totalidade da aula. É necessário que não se gaste tempo em transições e que os alunos mudem de exercício num ápice. Isto envolve uma preparação prévia da aula muito bem pensada.
- Garantir a qualidade e pertinência da informação para que os alunos percebam efetivamente o que o professor pretende. Esta informação tem de ser clara, objetiva e audível. Tentei usar uma nomenclatura correta e formal ao substituir palavras como dobrar, esticar por fletir e estender.
- Aumentar a frequência dos comportamentos de instrução através de feedbacks mas sempre com os alunos envolvidos nas tarefas. Os feedbacks que utilizei com maior frequência foram os interrogativos, positivos e descritivos. Estes foram direcionados tanto para todos, como para pequenos grupos e também foram dados de forma individual. O feedback positivo foi sem dúvida o mais utilizado, porque os alunos aumentam a sua motivação, gostam de ser elogiados, que os seus desempenhos sejam reconhecidos.

No controlo da prática realizada pelos alunos, penso que a minha atenção incidiu mais nos alunos de nível inferior. Tentei corrigir tudo o que via de menos bom e tive sempre a preocupação de mantê-los motivados. O elogio foi muitas vezes aplicado a estes alunos.

O questionamento foi utilizado na base dos “porquês”, “porque fizeste assim?”, “achas que estas a fazer da maneira correta?”, de forma a que os alunos

percebessem realmente os seus erros. Por vezes, no final das aulas também utilizava o questionamento acerca de determinantes técnicas, execuções globais e regras. Escolhia os alunos que eu sabia que iriam errar, dando depois oportunidade aos que sabiam para demonstrarem o seu conhecimento, elogiando-os por isso.

### 3.2.2. Gestão

Siedentop (1983), citado por Oliveira (2006),

*“define que a gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interferiam com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula”.*

Podemos afirmar que todo o processo organizativo realizado na aula tem influência na gestão do tempo e conseqüentemente no empenhamento motor dos aluno que por sua vez reflete-se nas aprendizagens. Para Gallahue (2008) organização é a característica primordial do bom gestor de aula em Educação Física, um bom gestor deve ter um controlo eficaz, e criar rotinas, procedimentos e regras, pois estas levam a que se perca menos tempos de aula em transições, o que faz com que o tempo de empenho motor aumente.

No domínio da gestão, foram pensadas e discutidas algumas estratégias logo no início do ano letivo entre o núcleo de estágio e orientador.

Em primeiro lugar, a assiduidade e pontualidade foi sempre cumprida por todos nós, sendo que, como exemplos que somos, devemos ser os primeiros a demonstrar este tipo de comportamentos. Só desta forma nos foi possível exigir o mesmo aos alunos. Eu, em todas as aulas, fiz questão de estar presente antes do toque de entrada de forma a organizar todo o espaço, como montar redes (no Voleibol) para que desta forma não se perdesse tempo útil da aula neste tipo de tarefas. Além disso penso que é importante o professor receber os alunos, o que desde logo faz com que haja menos confusão inicial e menos comportamentos desadequados.

O nosso orientador de escola Paulo Francisco não é apologista do apito e nós substituímos esse procedimento por uma estratégia que se revelou bastante eficiente. Sempre que queria chamar/reunir os alunos, gritava “está bom, venham cá” ou “para, cheguem aqui” e chamava os alunos que estivessem mais longe, sendo que os alunos que se encontravam entre mim e esses alunos facilmente

percebiam que tinham de vir também. É claro que por vezes utilizei o apito mas apenas em situações muito pontuais. Por exemplo no Atletismo foi necessária a utilização do apito para dar as partidas. Por vezes, a contagem decrescente também era utilizada para a reunião com os alunos. Sempre que eu os chamava e começava a contar até cinco, eles já sabiam que tinham de se apressar ou caso contrário eram “punidos” com um castigo do tipo realizar flexões ou abdominais.

O planeamento cuidado realizado pré-aula foi também uma boa medida porque nesse planeamento eram refletidas todas ou grande parte das imprevisibilidades que poderiam ocorrer como é o caso de faltar algum aluno, de estar a chover no espaço exterior e ter de adaptar a aula a outro espaço, entre outros. Nos exercícios que eram realizados em grupos, tinha o cuidado de pensar nos elementos que constituiriam os grupos. Estas são medidas que diminuem a imprevisibilidade, fazendo com que eu estivesse preparado para alterar fosse o que fosse, rentabilizando ao máximo o tempo disponível. Esta rentabilização do tempo que pressupõe ter os alunos sempre ocupados faz com que os alunos mais “irrequietos” não tenham oportunidade para se comportarem mal, o que normalmente acontece nos tempos “mortos” e de transição.

Ainda relativamente à questão temporal da gestão, o controlo das presenças que inicialmente era efetuado no início da aula com a chamada dos alunos, acabou passado algumas semanas, depois de eu conhecer os alunos. Apercebi-me que perdia muito tempo, numa tarefa que podia realizá-la enquanto os alunos estivessem ocupados, em atividade. Bastava contar e verificar se faltava alguém sem ser preciso realizar a chamada formal dos alunos. Nas transições entre exercícios procurei sempre evitar a confusão e perder tempo, através da informação dada no início da aula sobre a forma como se iria desenrolar a aula. Portanto, quando era para mudar de exercício, os alunos já sabiam, na maior parte das vezes, o que eu pretendia.

### **3.2.3. Clima**

Eu sou uma pessoa que tem muita facilidade no relacionamento com os outros e esse fator constituiu uma mais-valia na criação de um bom ambiente nas minhas aulas. É uma qualidade que ajudou a desenvolver um bom relacionamento

professor-aluno. Foram utilizadas estratégias espontâneas, que surgiam de forma inconsciente, mas que resultaram num bom entendimento entre mim e os alunos.

Estas estratégias passaram por conversas informais, fora do contexto de aula, como saber as modalidades que praticavam e interessar-me pelos seus resultados, por falar com os rapazes acerca de futebol, como meter-me com eles em relação aos namorados/ namoradas quando os via circular pela escola, falar com eles onde quer que os visse. No fundo, considero-me quase um amigo dos alunos, alguém que eles respeitam e gostam porque o sentimento da minha parte é o mesmo. Ser simpático não custa porque eu já fui, e no fundo continuo a ser, aluno e sei bem a diferença entre ir para uma aula que eu gosto do professor ou não. A atitude de um aluno nas duas situações, ainda que erradamente, acaba por ser diferente.

Por acaso, desde o início do ano letivo, tive a sorte de manter um bom relacionamento com os “líderes” da turma e isso é muito importante porque eles acabam por controlar os outros e assim o professor tem a turma controlada.

Fui duro nos momentos em que tive de ser duro mas na generalidade sempre ouvi as queixas que faziam, quando as tinham, tentava perceber o que eles achavam não só em relação à aula como também problemas em outras disciplinas, com outros professores e até entre eles. Quando os alunos se sentem à vontade para nos contar este tipo de coisas é sinal que confiam no professor.

É certo que em alguns momentos do ano tive “problemas” com alguns alunos devido à falta de empenho e comportamento, mas foram situações pontuais que se resolveram de imediato. Nunca nenhum aluno me faltou ao respeito e todos eles acataram sempre as minhas ordens. A prova disso é que nunca expulsei um aluno da aula.

A turma em si também é muito boa no sentido em que todos eles já se conheciam e mantêm um bom relacionamento. Por vezes quando há “guerras” entre alunos ou grupos de alunos, o clima torna-se pesado e pode prejudicar os seus desempenhos, através da desmotivação, da preocupação pelo outro em vez de por si próprio, entre outros.

Como meio para reforçar o bom clima na aula, adiquei estratégias de motivação através de competições entre eles, “espicaçando-os” uns contra os outros. Aqui os níveis motivacionais sobem muito, potenciando as suas aprendizagens.

Em todas as tarefas tentei transmitir entusiasmo, ainda que em algumas não tivesse sido nada fácil, como é o caso da Dança para os rapazes.

Para concluir, posso afirmar que um bom clima na aula é muito importante para a promoção de um processo de ensino-aprendizagem muito favorável, não só ao aluno como também para o professor na medida que facilita muito o seu trabalho.

#### **3.2.4. Disciplina**

“Mais que intervir sobre o comportamento inapropriado, é preciso desenvolver os tipos de comportamento adequado e prevenir os distúrbios.” (Siedentop, 1983). Indo de encontro ao autor, a prevenção de comportamentos de indisciplina foi realizada logo nas primeiras aulas com a definição de regras básicas para o bom funcionamento da aula.

De facto não tenho razão de queixa da turma. Por vezes existiam alguns comportamentos menos adequados mas nada de grave a assinalar.

Segundo Siedentop (1998), “Não há dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”.

#### **3.2.5. Reflexões pós-aula**

*“Sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor. E sem controlo permanente da qualidade do ensino nenhum professor consegue garantir a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal.”*

(Bento, 2003).

Todas as aulas que lecionei foram posteriormente refletidas através de relatórios de aula.

Nesses relatórios, consta tudo o que foi realizado na aula, o porquê, a forma como decorreu cada exercício, episódios de gestão, clima e disciplina, a minha intervenção, em fim, toda uma panóplia de temas, os quais eram discutidos em primeiro lugar com o orientador da escola. Após cada aula, o orientador realizava um breve comentário acerca da nossa prestação, quer fosse direcionada ao planeamento ou à realização. Foi de extrema importância todas as críticas

(construtivas) que o orientador nos fez. Procurei perceber, através dos “porquês”, tudo o que o orientador explicava ao ouvir com muita atenção os seus discursos.

Através destes feedbacks dados pelo professor orientador e da posterior reflexão individual, foi-me possível evoluir em toda a prática pedagógica ao longo do ano. Todos os dias aprendi algo novo, devido à diversidade de situações que sucedem nas aulas de Educação Física. Contudo tenho a certeza, que ao longo do meu percurso como professor ainda vou aprender mais.

### **3.2.6. Observações de aula**

Durante o ano letivo, assisti a inúmeras aulas dos meus colegas de estágio, contudo, não realizei reflexões por escrito nem de metade, restringindo-me ao número mínimo indicado no guia de estágio - “O estagiário deverá assistir a, no mínimo, uma aula, por mês, do professor orientador ou de outro professor da escola que o orientador indique, e realizar observações entre estagiários no mínimo uma vez por semana”.

Estas observações constituíram uma mais-valia importante no meu desempenho como professor, tanto no planeamento como depois na realização. Por vezes, só quem está do lado de fora é que é capaz de ver certas coisas que passam despercebidas à pessoa que está a atuar. Deste modo, ao apreciar os seus desempenhos através de um olhar crítico, permitiu-me refletir atempadamente sobre o meu próprio desempenho, evitando cometer os mesmos erros, ou por outro lado adequando estratégias por eles utilizadas nas minhas próprias aulas com o objetivo de melhorar todo o processo ensino-aprendizagem.

Para realizar estas observações, o núcleo de estágio criou, em conjunto com o orientador, uma ficha de observação comum a todos os estagiários.

### **3.3. Avaliação**

De acordo com De Ketele (1981, citado por Nobre, 2009),

*“a avaliação é o ato de examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios, adequados a um objetivo previamente fixado, com vista a uma tomada de decisão”.*

Avaliar, é portanto um processo interativo complexo realizado ao longo do ano de forma a sustentar a regulação do processo ensino-aprendizagem assim como garantir socialmente as aquisições realizadas pelos alunos.

A gestão do processo de ensino-aprendizagem, o apoio às dificuldades dos alunos exige da avaliação novas funções, colocando-lhes novos desafios nomeadamente no campo pedagógico.

Segundo Cardinet (1983) as funções da avaliação são três:

- a) A seleção/orientação em que se procura fundamentar um diagnóstico e prognóstico que sustenta as decisões, quer de seleção, quer de orientação sobre a evolução futura do aluno – Avaliação Diagnóstica.
- b) A regulação dos processos de ensino/aprendizagem, que se destina à própria ação didática, no sentido de lhe fornecer informações uteis para um funcionamento mais eficaz. É provavelmente aquela que tem um maior sentido no campo pedagógico – Avaliação Formativa.
- c) A certificação certificativa, com o objetivo de um reconhecimento de aprendizagens ou validação de competências, perante terceiros, no final de um ciclo de estudos – Avaliação Sumativa.

Face à especificidade da Educação Física, de acordo com o PNEF e fundamentado por Rosado & Silva (s.d.) quando referem que na avaliação das aprendizagens “ é preciso avaliar aptidões cognitivas, sócio-afectivas e motoras correspondendo estas aptidões ao domínio essencial da avaliação”. Pois no caso específico da disciplina de Educação Física na ESJF, os parâmetros a serem avaliados e as respetivas cotações ao longo do ano foram:

Domínios	Crítérios de Avaliação	Cotação %
Competências de compreensão e realização	Conhece as atividades físicas desportivas nas suas dimensões técnica, táticas, regulamentares e organizativas.	75
Atitudes e valores	Assiduidade Pontualidade Comportamento Cooperação (...)	20
Aptidão Física	Desenvolve capacidades físicas e motoras condicionais e coordenativas (resistência, força, velocidade, destreza geral e flexibilidade).	5

Ilustração 1 - Critérios de avaliação gerais

Ou

Domínios	Crítérios de Avaliação	Cotação %
Domínio cognitivo	Teste ou trabalhos referentes às unidades didáticas perdidas	70
Atitudes e valores	Assiduidade Pontualidade Comportamento Cooperação (...)	30

Ilustração 2 - Critérios de avaliação adaptados a alunos com atestado médico

### 3.3.1. Avaliação Diagnóstica

Segundo Ribeiro (1999), a avaliação diagnóstica

*“pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas” e “tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”.*

Posto isto, e na minha opinião, penso que a avaliação diagnóstica é dos procedimentos mais importantes que o professor realiza, pois todo o processo ensino-aprendizagem vai ser desenvolvido com base nos resultados obtidos atendendo às (possíveis) alterações de objetivos gerais e específicos, adequando-os realisticamente às condições específicas de cada aluno. Isto vai de encontro à diferenciação pedagógica.

No meu caso, as avaliações diagnósticas de todas as matérias a abordar foram realizadas nas três primeiras semanas de aulas. Desta forma foi-me permitido começar atempadamente o planeamento de todas as matérias a abordar no ano letivo. Em todas as matérias foi criada uma grelha de observação feita a partir dos

objetivos estabelecidos no PNEF, descrevendo os conteúdos/ gestos a realizar e os seus critérios de êxito. Através da observação dos exercícios que juntamente com o orientador planeei para estas aulas específicas, registei para cada parâmetro 1, 2 ou 3, que corresponde a introdutório, elementar e avançado respetivamente.

Durante as aulas de avaliação diagnóstica tive a preocupação de fornecer feedbacks, tanto positivos como corretivos para que desta forma os alunos pudessem melhorar o seu desempenho, constituindo assim mais um momento de aprendizagem.

Com estas avaliações iniciais procedi à elaboração de grupos de nível, criando grupos homogéneos relativamente às suas aptidões, onde diferenciei situações de aprendizagem para alunos com diferentes necessidades, melhorando desta forma o processo de ensino-aprendizagem facilitando ou potenciando o seu desenvolvimento psico-motor.

### **3.3.2. Avaliação formativa**

A avaliação formativa deve assumir um papel de regulação de todo processo de ensino-aprendizagem. Segundo Scriven (1967), assume um carácter contínuo e sistemático, visando a regulação do ensino” e “deve fornecer ao professor, aluno e restantes encarregados de educação informação do desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho”. Logo, esta avaliação é tao importante para o professor como para o aluno, permitindo ao professor redefinir objetivos, metodologias, conteúdos, identificar dificuldades, e para o aluno para que perceba o que está a fazer mal, se deve melhorar nas suas performances, saber o que falta fazer e de que forma.

Este tipo de avaliação é também muito importante na medida em que é transmitida aos encarregados de educação, fazendo estes com que os seus educandos melhorem as suas prestações, auxiliando-se de meios extraescolares como é o caso das explicações.

Considero que a avaliação formativa pode assumir um carácter informal e formal. Formal, quando os alunos sabem que haverá uma avaliação (de carácter formativo) e estão (ou não) preparados para a realizar. Sabem que o que estão a fazer está a ser avaliado. Por outro lado, a avaliação formativa informal é quando o professor anota diariamente pequenos pormenores relativamente ao desempenho

dos alunos, sem estes saberem (mesmo que sejam avisados que todas as aulas contam para a avaliação).

Nas minhas aulas, utilizei estes dois tipos de avaliação formativa. Por exemplo na Ginástica de Solo, realizei uma avaliação a meio da unidade didática, simulando a avaliação sumativa. Esta avaliação foi filmada e através das filmagens, foram dados uns documentos aos alunos (individualmente) com o que cada um fez mal e propostas de melhoramento. Isto fez com que no momento da avaliação sumativa os alunos estivessem muito melhor preparados, subindo assim as suas classificações.

Por outro lado, construí uma tabela onde constam todos os alunos e os dias das aulas e nela fui anotando faltas, atrasos, faltas de material, mau comportamento, bom empenhamento, entre outros.

### **3.3.3. Avaliação sumativa**

Avaliação sumativa é comparada por muito autores a uma avaliação final de carácter certificativo, com o fim de qualificar/quantificar. É uma avaliação centrada no produto, ou seja no sumo final relativamente às aprendizagens realizadas pelos alunos.

Ribeiro (1999) afirma que a avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem. Contudo, não sei se na maior parte dos casos, o progresso é contabilizado. Há alunos que têm progressões gigantescas em comparação com outros e chega ao final e ambos conseguem fazer o mesmo e têm a mesma nota. Ora nestes caso, o progresso não é certamente contabilizado, o que na minha opinião está errado.

A avaliação sumativa está associada á finalização de uma unidade de aprendizagem, seja ela uma unidade didática, um período ou ano letivo.

A avaliação sumativa foi apenas o complemento final de toda uma avaliação formativa realizada durante as aulas. Antes de serem realizadas as avaliações sumativas, eu já sabia o que cada aluno conseguia ou não fazer e de que forma. Porém, nas aulas de avaliação sumativa, os alunos tinham a ultima oportunidade de melhorar as suas performances. Por vezes, os alunos nestas aulas sentem-se mais nervosos que o habitual e erram muito porque sabem que estão a ser avaliados,

contudo eu sei bem do que cada um é capaz. Não é por uma aula ter corrido menos bem que o aluno baixa a nota.

As condições de avaliação também foram diferenciadas, tal como todo o processo atrás. Por exemplo, em Voleibol, os alunos mais aptos realizaram uma avaliação de três para três num campo maior enquanto que os menos aptos realizaram a avaliação num campo com dimensões mais reduzidas e de dois contra dois.

Antes de iniciar qualquer avaliação tive o cuidado de referir quais os critérios avaliáveis assim como repetir e demonstrar as componentes críticas corretas. Desta forma os alunos estavam bem cientes do que lhes era pedido, aproveitando, eu, esta aula como mais uma aula de promoção de aprendizagens.

O instrumento de avaliação que utilizei foi uma tabela em Excel, construída por mim onde são colocadas as notas das diferentes matérias, que fazem média e é dada uma nota relativa ao domínio psico-motor, depois é dada uma nota à aptidão física, que é a média de todos os testes físicos (milha, sit up's, velocidade e impulsão horizontal) realizados ao longo do período e por fim a nota das atitudes e valores, que por sua vez também é a média de parâmetros como o comportamento, pontualidade, entre outros. Há ainda um espaço em branco para os alunos realizarem a autoavaliação, revelando as suas expectativas, que por vezes são completamente enganadoras. No final, e de forma automática, há uma coluna em que irá aparecer a nota final do aluno, de acordo com o peso de cada domínio da avaliação (domínio psico-motor (75%), Atitudes e valores (20%) e Aptidão Física (5%)).

Relativamente á metodologia implementada, as aulas de avaliação sumativa foram muito parecidas às aulas de avaliação diagnóstica. Nesta avaliação foram usadas a grelhas, onde os alunos eram avaliados nos vários parâmetros que foram abordados nas aulas.

No final de cada período, os alunos também realizaram a Autoavaliação, desenvolvendo a capacidade autocrítica, dando a conhecer ao professor as suas expetativas em relação à sua posição face aos objetivos propostos. A auto-avaliação é definida por Nobre (2012) como a avaliação das próprias atuações do sujeito, sendo um procedimento promotor da capacidade de valoração e de decisão do aluno e um elemento de melhoria da qualidade do processo educativo.

### **3.3.5. Avaliação da aptidão física**

O grupo de Educação Física da Escola Secundária José Falcão de Coimbra realiza uma avaliação da aptidão física aos alunos do Ensino Básico (3º ciclo) e Secundário, nas instalações da escola, através da aplicação de uma bateria de testes com base em quatro provas, no sentido de avaliar a: 1) Resistência aeróbia; 2) Força explosiva do trem inferior; 3) Força resistência abdominal e 4) Velocidade. Para se chegar a uma nota final, os alunos realizaram a prova da milha, o teste dos Sit Up's, o salto horizontal e ainda a prova de velocidade (60 metros).

A nota referente à aptidão física dos alunos contava 5% da nota final de período, ou seja um valor em vinte. Os resultados obtidos em cada prova foram comparados a um referencial comum a todos os professores de Educação Física da escola, diferenciando as exigências perante cada ano escolar.

### **3.4. Prestação global dos alunos**

A primeira UD abordada foi Ginástica de Solo. Inicialmente, a turma apresentou um bom desempenho, evoluindo ainda ao longo das aulas. Nas aulas iniciais foi dada muita importância à realização das ajudas e isso facilitou a atuação dos alunos, fazendo com que eles deixassem de ter medo na realização dos exercícios propostos. É uma turma constituída maioritariamente por meninas e normalmente as meninas gostam de ginástica, transmitindo entusiasmo e motivação, contribuindo para um bom clima de aula. Em suma, houve uma evolução notória da turma. É de constatar que apenas dois alunos se ficaram pelo nível introdutório sendo que os outros cinco que se encontravam nesse nível (inicialmente) conseguiram passar para o nível superior – Elementar. É de notar, também, que três alunos que estavam no nível elementar conseguiram chegar ao patamar superior que corresponde ao nível Avançado, constituindo este grupo seis alunos.

A ginástica acrobática veio no seguimento da ginástica de solo. Para beneficiar o processo ensino-aprendizagem, adotei estratégias que penso terem sido muito importantes. Em primeiro lugar foram introduzidos os conteúdos básicos da modalidade e logo após estas aulas, os alunos fizeram grupos de três elementos e trabalharam sempre entre os mesmos grupos. Foram dadas várias tarefas ao longo das aulas. A competição foi um elemento-chave no empenho dos alunos, sendo que

construí um ranking da turma, ou se quisermos, um torneio onde os grupos competiam com outros em relação ao número de esquemas gímnicos que conseguissem realizar. Eu só tinha de ver e anotar. No final, os grupos com mais exercícios realizados ganhavam. Esta competição fez com que os alunos, devido à sua competitividade, não parassem literalmente na aula. Estavam sempre a realizar exercícios e desta forma a evoluir nas suas prestações. Após estas aulas referentes à competição foi-lhes dito para prepararem um esquema coreográfico, ao som da música atendendo aos parâmetros de avaliação definidos. Os resultados não poderiam ser mais satisfatórios. Deu-me enorme prazer ver as suas avaliações finais. Eles esforçaram-se muito para não realizar algo simplista, complexificando as suas atuações, subindo em flexa as suas avaliações. Até grupos de alunos menos aptos a nível motor, surpreenderam-me muito pela positiva. As avaliações foram filmadas e posteriormente demonstradas ao grupo de professores de Educação Física. Eles gostaram muito e alguns pediram-me as filmagens de forma a servir de exemplo nas suas turmas, pelo que fiquei muito orgulhoso dos meus alunos e da minha prestação nesta UD.

Se por um lado, as meninas apresentam (geralmente) mais facilidades em modalidades como ginástica e dança, por outro, sentem mais dificuldades em outras como é o caso do andebol, voleibol, futebol – Jogos Desportivos Coletivos.

Após a avaliação diagnóstica destas matérias, constatei que a turma se encontrava maioritariamente no nível introdutório e tendo em conta estes níveis, foram redefinidos novos objetivos (motores, cognitivos e sócio – afetivos) exequíveis para que os alunos os pudessem atingir no número (reduzido) de aulas propostas.

Contudo, penso que os objetivos foram ambiciosos e exequíveis para a grande parte dos alunos, mesmo para os alunos no nível elementar que já dominavam alguns conteúdos, tiveram oportunidade de os melhorar e de aprender outros. Os aspetos que considero serem de grande importância são o facto de os alunos terem evoluído relativamente ao entendimento do jogo, isto é, perceberem o quando e o porquê de determinadas decisões/ações, devendo-se isto à constante utilização do jogo reduzido e das situações fracionadas de jogo, situações analíticas. Para concluir, a turma nos JDC teve muito melhor desempenho no Voleibol do que no Andebol e Futebol. O número de aulas de Voleibol também ajudou nesse sentido uma vez que foram planeadas muito mais aulas em relação às outras matérias.

Em relação ao Atletismo – estafetas, fiquei surpreendido pelo gosto que os alunos demonstraram na realização das aulas. Esta minha surpresa deveu-se ao facto de os alunos sempre que tinham de correr (prova da milha, aquecimento), mostravam o seu descontentamento, prevendo eu que na UD de atletismo eles não tivessem o empenho desejado. Contudo, mostraram-se muito motivados. Penso que a forma como as aulas se desenrolaram, em forma de competição entre eles, contribuíram para esse gosto/motivação porque os alunos são muito competitivos.

Para esta matéria estavam planeadas mais aulas do que efetivamente se realizaram devido a alterações de planeamento, pelo que os alunos não chegaram a consolidar bem as aprendizagens.

Ao início os alunos não tinham noção de características básicas nesta matéria como é o caso de terem de transmitir o testemunho na zona de transmissão ou saberem da existência de uma zona de balanço. Assim, com poucas aulas, considero que a evolução dos alunos foi boa, ao comparar as aulas iniciais com as finais.

A última UD realizada foi Dança Contemporânea. Para os rapazes foi desde logo um grande problema. O professor Paulo Francisco acabou por substituir a Dança por um programa de Condição Física para eles, separando-os das raparigas.

Relativamente às suas prestações, na dança, após serem introduzidos os conteúdos básicos da matéria, as alunas trabalharam em grupos, havendo assim três grupos de cinco e seis elementos. É muito difícil ensinar alguém a dançar, principalmente em danças como a dança contemporânea em que eles têm de ser originais, criativos, não há regras como nas danças de salão por exemplo.

A vergonha de dançar é algo muito intrínseco ainda nestas idades, o facto de expressar o corpo perante os colegas da turma é um problema significativo para elas, inibindo as suas prestações. As aulas foram dadas no ginásio pelo que a música alta de um grupo pode interferir na prestação do outro. Era importante que cada grupo ensaiasse com a sua própria música durante toda a aula. A aula de avaliação sumativa ainda não foi realizada pelo que estou curioso e ansioso para ver as suas apresentações. Contudo, pelo que tenho visto nas aulas, as coreografias estão boas, apesar de alguns pormenores não estarem bem consolidados como é o caso da amplitude dos movimentos, a sincronia entre os elementos do grupo e coisas do género.

Relativamente às atitudes e valores dos alunos, nunca tive grande problemas, revelando-se uma turma bem comportada. Os rapazes, naturalmente, foram de maneira geral mais “irrequietos” tendo eu por vezes que os chamar à atenção.

É uma turma que fala muito, mas no início do ano adaptei algumas estratégias para atenuar esse facto.

Foi uma turma que colaborou sempre com o professor, acatando as ordens dadas, ainda que por vezes um pouco contrariados. Notei que alguns alunos da turma têm um sentido crítico muito elevado e por vezes questionaram algumas das opções que tomei. Sempre que achei necessário, expliquei os porquês. Umhas vezes compreenderam, outras não, mas quer numa situação quer noutra, aceitaram e cooperaram comigo e com os colegas da turma indo de encontro os objetivos da aula.

Em algumas matérias foram mais empenhados que noutras mas de forma geral, foi uma turma com um índice motivacional elevando durante o ano.

Ao longo do ano consegui aliar-me aos “líderes” da turma e desta forma mobilizar toda a turma, criando um bom clima de aula durante todo o ano.

Em relação aos objetivos finais a que me propus em cada UD, nem sempre foram alcançados, contudo sinto que todos os alunos evoluíram. Uns mais que outros como é normal. Nem todos os alunos têm o mesmo ritmo de aprendizagem, atendendo às suas características individuais.

### **3.5. Dificuldades encontradas e aprendizagens adquiridas**

Neste ponto vou descrever as maiores dificuldades que senti durante o estágio pedagógico e estratégias utilizadas para atenuá-las.

A realização das avaliações diagnosticas, para mim, foi a maior dificuldade sentida. Como já foi dito anteriormente, as avaliações diagnósticas na disciplina de Educação Física, na ESJF, foram realizadas nas três primeiras semanas de aulas. Em primeiro lugar, ainda não sabia o nome dos alunos, pelo que perdia muito tempo nas suas identificações. Em segundo lugar, foi muito difícil distinguir em certos movimentos/gestos técnicos o nível que o aluno apresentava. Uma coisa é realizar essa distinção no papel ao comparar os conteúdos de cada nível, outra coisa é fazê-

lo numa situação real onde a cada cinco segundos o contexto de execução é alterado. Por último, como estas avaliações foram realizadas nas aulas iniciais, eu dominava muito pouco as estratégias de realização, quer ao nível da comunicação, da gestão, clima e disciplina. Então tentar controlar todas essas variáveis e ainda ter a função de avaliar vinte e quatro alunos em vários parâmetros e ainda por cima em trinta minutos, foi “assustador”.

Contudo, no segundo e terceiro período surgiu a necessidade de refazer uma ou outra avaliação diagnóstica e nessa altura foi completamente diferente. Já tinha adotado estratégias facilitadoras deste processo. Em primeiro lugar já conhecia todos os alunos e respetivos nomes. E depois, através da leitura de alguma bibliografia, simplifiquei o processo de registo do nível dos alunos. Assim todos os alunos eram classificados como elementares nos diversos parâmetros sendo que à medida que observava as suas execuções anotava com um sinal mais ou menos de acordo com as suas prestações, se fosse para mudar para o nível superior ou inferior respetivamente. Ou por outro lado não efetuava nenhuma mudança, quando o aluno realmente se encontrava naquele nível.

Outra das dificuldades sentidas remete-se à instrução. A pouca utilização de termos específicos e palavras-chave tornou, por vezes, a comunicação demasiado extensa e nem sempre clara. Este ponto foi melhorando ao longo do ano letivo, através dos feedbacks do professor orientador Paulo Francisco. Relativamente aos feedbacks, penso que estive bem. Comentei sempre as suas ações, reforçando-as positivamente e corrigindo-as se necessário. Contudo, os meus feedbacks, principalmente no início, foram dirigidos muito a cada aluno, de forma individual, pelo que em alguns casos deveria ter sido substituído por um feedback à turma ou a um grupo de alunos visto que o erro era comum entre eles. O ânimo ao erro é um dos meus pontos fortes, tentei sempre motivar os alunos mesmo quando estes falhavam. Penso que é muito importante para que os alunos voltem a tentar uma e outra vez até sentirem que realmente são capazes. A demonstração em todas as UD foi quase sempre realizada por mim, não por achar que deveria ser eu obrigatoriamente mas por saber que era um bom modelo pelo qual eles se podiam guiar. Ao ser eu a demonstrar como se fazia certos movimentos, determinados exercícios, penso que os alunos aumentaram a consideração/admiração por mim.

Na gestão do tempo de aula, no início tive alguma dificuldade mas com o passar das aulas fiquei mais à vontade. Ao início estava sempre a olhar para o

relógio para não passar um minuto a mais ou a menos de um exercício. Consultava o plano de aula algumas vezes durante a mesma. Felizmente consegui ultrapassar isso e comecei a dar as aulas de forma instintiva sem obedecer rigorosamente aos tempos destinados a cada exercício e deixar “correr” a aula de forma natural. As transições entre exercício foram também melhorando ao longo do ano. No início tinha a tendência de parar a aula, chamar os alunos, dar a instrução e distribuí-los pelo novo exercício, perdendo assim muito tempo. Após as reflexões realizadas com o orientador Paulo Francisco percebi que não tinha de parar a turma necessariamente. Comecei a fazer as transições muito mais rápidas na medida em que ia junto de pequenos grupos e direcionava-os para outro exercício sem que os outros parassem o que estavam a fazer. De seguida ia a outro grupo e procedia da mesma forma e assim sucessivamente. Por exemplo em Voleibol, os vários campos já estão montados antes dos alunos chegarem. Normalmente os alunos aquecem e depois dois a dois realizam exercícios de passe, manchete, entre outros. Quando é para começarem os jogos em espaço reduzido, eu em vez de parar a turma e dizer quais são as equipas e quem joga contra quem, vou junto dos alunos que quero num campo e direciono-os para o espaço. Os outros alunos continuam a realizar a tarefa que estavam a realizar. Depois tenho o mesmo procedimento com os outros até começarem todos a jogar nos devidos campos.

Manter um bom clima de aula, nem sempre foi uma tarefa fácil. Houve fases em que alguns alunos estiveram muito desmotivados, perturbando, de certa forma, a aula. Tentei conversar à parte com esses alunos para perceber o que se passava. Alguns falaram abertamente comigo, outros falaram mas contrariados ficando eu sem perceber o que se passava efetivamente. No início, dava muita atenção a estes alunos mas depois comecei a perceber que possivelmente era mesmo isso que eles queriam – atenção – então optei por, nestes períodos de tempo, quase que ignorá-los, ou melhor fazer com que eles percebessem que eu não me importava com eles (o que não é verdade) e que aquela atitude só os iria prejudicar. Na verdade, esta estratégia resultou, acabando eles por mudarem as suas atitudes por iniciativa própria.

Para concluir, as dificuldades sentidas no início foram muitas mas fico feliz por poder afirmar que agora são muito poucas. Isto deve-se à evolução que tive em todo o processo ensino-aprendizagem, através de consultas bibliográficas, através da observação de aulas dos meus colegas, através de reflexões realizadas acerca das

minhas aulas e sobretudo através das críticas construtivas da parte do Professor Orientador Paulo Francisco. O facto de ter sido muito recetivo ao longo do ano, permitiu-me avaliar o meu desempenho e perceber o que tinha de melhorar, conseguindo colmatar algumas carências referentes ao ser “professor”.

### **3.6. Atitude ético-profissional**

A ética e o profissionalismo são dimensões muito importantes quando, na vida, nos dedicamos a algo. Durante o Estágio Pedagógico tive sempre uma conduta profissional exemplar. Agi sempre dentro dos padrões, com procedimentos adequados, sem prejudicar ninguém, cumprindo todos os valores que a escola se rege.

Assim que cheguei à Escola, logo nos primeiros dias, tive uma postura pró-ativa, não ficando restrito às tarefas que me foram dadas. Procurei conhecer toda as instalações da escola, frequentando-as com frequência, interagi com professores e funcionários de maneira a facilitar a minha integração, enfim tentei integrar-me, dando-me, também, a conhecer às pessoas que trabalham na escola.

Relativamente ao meu “trabalho” específico, mostrei sempre disponibilidade e interesse para aprender e para melhorar. Neste sentido, devo agradecer a todos os que contribuíram para a minha evolução ao longo do ano: Professor Orientador Paulo Francisco, Professores do Departamento de Educação Física, Colegas de Estágio, Funcionários e alunos. Este foi o momento da minha vida académica que mais aprendizagens poderia reter e quis aproveitar ao máximo. Mesmo não sendo obrigatório, fui à escola quase todos os dias da semana, para observar as aulas dos meus colegas, para dar aulas de apoio aos meus alunos, para realizar trabalhos relativos ao estágio, entre outros. Penso que o simples facto de estar presente, dos funcionários me verem, os outros professores saberem que eu lá estou permite um tratamento mais inclusivo da parte deles, o que é muito gratificante.

O interesse pela minha turma foi de início ao fim demonstrado na medida em que nunca deixei de manter o contacto com a diretora de turma nas horas de receção aos pais, participando ativamente nas reuniões. Atendi à especificidade de cada aluno, respeitando a sua afetividade, as suas limitações, os seus valores, estimulando-os constantemente à superação, através da colocação de novos

desafios e reforçando sempre a sua atitude de forma positiva mesmo que os resultados não fossem o que eles esperavam. Utilizei uma abordagem pró-ativa e preventiva com o intuito de evitar o surgimento de situações de ordem disciplinar. Intervi sempre que necessário. Respeitei e fui respeitado. Procurei, ao longo do ano, estabelecer ligações fortes com os alunos, promovendo conversas informais sobre os seus percursos escolares, notas de outras disciplinas, práticas desportivas, entre outras, demonstrando assim a minha “preocupação” relativamente às suas vidas extraescolares. Nesta altura posso dizer que conheço a maioria dos alunos, sei onde vivem, com quem vivem, a profissão dos pais, que desportos praticam, entre muitos outros aspetos, não porque vi nas fichas de informação individuais mas porque eles próprios sentem que podem ter este tipo de conversas comigo, promovendo uma troca de conhecimentos e experiências de maneira a que eles me conheçam melhor e vice-versa. Este contacto privilegiado com os alunos é muito importante na medida em que facilita a deteção de possíveis problemas, nomeadamente a nível sócio afetivos.

O trabalho assumido com os meus colegas de estágio foi, também, uma experiência muito boa. Conseguimos criar um bom ambiente de trabalho entre nós. A colaboração, o respeito, a crítica construtiva, foram pontos bem assentes e implementados na relação que tínhamos no dia a dia. Partilhámos saberes e ajudámo-nos uns aos outros quando foi necessário.

Respeitei todos os compromissos como reuniões com o orientador, aulas de apoio combinadas com os alunos, entrega de trabalhos, entre outros.

A responsabilidade relacionada com a maximização das aprendizagens dos alunos também foi também evidente. Tentei tratar todos de igual forma, contudo, recorri à diferenciação pedagógica, atendendo às especificidades de cada um sempre que necessário.

Para mim, esta foi a primeira experiência como professor, num contexto específico de aulas e fico muito satisfeito em ter tido a oportunidade de ultrapassar todos os desafios, todas as dificuldades ganhando assim uma bagagem de conhecimentos importantes que se revelarão muito importantes no meu futuro como profissional da Educação Física.

## 4. TEMA/PROBLEMA – OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA RELATIVO À COMUNICAÇÃO

### 4.1. Introdução

A Pedagogia pode ser definida como organização ajustada de um contexto para permitir aos seus participantes realizar aprendizagens desejadas. Relaciona as ações de ensino com os objetivos perseguidos. Sem objetivos não há pedagogia. Por sua vez, a comunicação pedagógica é o processo comunicativo que ocorre entre o professor, o saber e o aluno.

As estratégias de ensino promovidas pelo professor, devem ser adaptadas a um determinado contexto, indo sempre de encontro ao objetivo de promover a aprendizagem dos alunos.

*“O desenvolvimento e a aprendizagem pressupõem, antes de mais, o educando. O educando não é apenas um fator entre outros, um agente que condiciona o processo educativo, é antes de mais o destinatário a quem ele se dirige primordialmente. É o educando, o aluno que está em situação de desenvolvimento e de aprendizagem; é em função dele que se devem definir os objetivos, estruturar a ação do educador, as tarefas, as estratégias, os materiais, os equipamentos, os espaços pedagógicos, etc..”*

(Tavares e Alarcão, 1989).

Posto isto, o aluno, é considerado o elemento chave de todo o processo ensino-aprendizagem.

A relação professor-aluno é fulcral para que todo processo ensino-aprendizagem seja desenvolvido num meio propício, onde se verifique um bom clima de aula, potenciando, desta forma, as aprendizagens dos alunos.

Para Coutinho (1994),

*“a relação Professor-aluno implica uma situação de formação integral, sendo este o aspecto mais relevante do papel que hoje é atribuído ao professor. O Professor no ato de ensino-aprendizagem, orienta a atividade intelectual do aluno”.*

O processo de ensino-aprendizagem implica ações intermitentes de feedback ou de reorientação do processo. Para que se produza uma mudança, o Professor

tem de ter em conta, permanentemente, o feedback dos resultados obtidos, isto é, tem de utilizar, permanentemente, a informação dos resultados.

Para Bento (1987), apud Gonçalves (1998),

*“porque o ensino assenta numa base de interação e num conceito de identificação com uma estrutura de relações entre Professor e alunos, importa criar claramente essa estrutura sem interferências perturbantes, para que o ensino possa ser entendido como projeto comum, de Professor e alunos. Para evitar perturbações nesse projeto, para se estar nele de forma motivada, específica, competente e socialmente eficaz, é necessário ter em atenção e fazer o balanço das perspetivas de todos os participantes, incluindo naturalmente as dos alunos”.*

A Educação Física tem um vocabulário específico e, tal como em outras disciplinas, é necessário tomar em conta o contexto da turma e adequar a linguagem aos alunos. Esta adequação pode referir-se ao uso da própria voz ou à utilização de linguagem técnica específica. O uso da voz, a demonstração, o questionamento, o feedback são formas de comunicação.

O professor pode ter um impacto na auto conceção, na motivação e na experiência afetiva dos alunos. A motivação é particularmente importante nos desempenhos finais dos alunos.

Os comportamentos dos professores constituem fatores decisivos para o sucesso dos alunos, e para verificar os comportamentos do professor, irei adaptar o *Coach Behaviour Assessment System* (CBAS) de Smith, Smoll e Hunt (1978) à observação do professor nas suas aulas.

O presente estudo pretende verificar os comportamentos de um Professor de Educação Física dentro da “sala” de aula. Será realizada uma comparação entre dois momentos relativamente à comunicação que o professor efetua. O primeiro momento resulta da média de três observações realizadas no primeiro período e o segundo momento resulta, também, da média das três observações realizadas no segundo período.

A análise provém da observação realizada à comunicação de um professor estagiário de Educação Física, numa turma de 10.º ano, da Escola Secundária José Falcão, em Coimbra.

## 4.2 Revisão da Literatura

### 4.2.1 A importância do comportamento do professor no desempenho do aluno

A partir do momento em que persegue os objetivos da aprendizagem, o papel do Professor na ajuda aos alunos, para que consigam aprender, parece ser muito importante e confirmado em numerosos estudos. Algumas habilidades ou destrezas de ensino parecem estar intimamente ligadas à eficácia da atividade do Professor de Educação Física.

“O Professor é o responsável pelo que se passa na aula e, em princípio, pelas decisões a tomar, pois especifica e operacionaliza os objetivos, programa as atividades, escolhe, identifica e define as tarefas que os seus alunos deverão realizar, opta pela adoção das disposições materiais para a prática, conduz a ação na aula, define e realiza a avaliação dos alunos” (Piéron, 1984, 1988, 1992, apud Petrica, Sarmiento, Videira, 2004).

De entre os comportamentos relacionados com as principais funções de ensino, emerge uma manifestação comportamental que se salienta pela dedicação que lhe tem sido, cada vez mais, prestada pelos que se têm dedicado ao estudo da dimensão visível do ensino, a instrução (Petrica et al., 2004).

A instrução diz respeito às intervenções do professor referentes à matéria de ensino, à maneira de realizar os exercícios, de uma forma verbal ou com o apoio da simulação, demonstração ou qualquer imagem que permita aos alunos entender a mensagem que lhes está a ser transmitida (Carreiro da Costa e Piéron, 1990).

A comunicação verbal assume maior relevância em relação à não verbal na medida em que é mais utilizada e mais influenciadora nos desempenhos dos alunos.

Carreiro da Costa (1995), apud Petrica et al., (2004), salienta que os professores se distinguem pela capacidade que revelam em proporcionar aos alunos uma instrução de maior qualidade científica e técnica, centrada fundamentalmente na informação, dos requisitos técnicos de execução da tarefa a aprender, explicitada frequentemente com demonstrações.

#### 4.2.2 O Feedback

O feedback, assume, no ensino, um papel fulcral, sendo indispensável para a aprendizagem. Os professores ao comprometerem-se com as aprendizagens dos alunos, são responsáveis pelo fornecimento da qualidade de informação.

McGown (1991), entende por *feedback*

*“a informação que se obtém após uma resposta, e é geralmente vista como a mais importante variável que determina a aprendizagem, logo a seguir à prática propriamente dita”.*

Marteniuk (1986) define o *feedback* como sendo uma resposta produzida pelo movimento realizado, obtendo informações cinéticas e cinemáticas do mesmo. Por sua vez Schmidt (1993) afirma que *feedback* é qualquer tipo de informação sensorial sobre o movimento, não exclusivamente com referência a erros.

*“A principal função da informação de feedback é a de permitir ao executante avaliar a resposta dada, criando uma estrutura de referência de forma a que o atleta ou aluno possa detetar erros e tentar corrigi-los”*

(McGown, 1991).

O feedback pode ser considerado, portanto, uma fator decisivo na atividade pedagógica visando a eficácia e qualidade do ensino.

Para Schmidt (1993) e Franco (2002) o feedback pode ser dividido em intrínseco e extrínseco. De forma geral e muito sucinta, o feedback intrínseco é a opinião, a avaliação que o próprio executante faz acerca do seu desempenho, enquanto que o feedback extrínseco é resultado medido da performance, a resposta informada ao executante por algum meio artificial, seja verbal, visual ou sonoro. Deste modo, o *feedback* extrínseco é fornecido após o *feedback* intrínseco.

A maneira como o professor aborda o aluno para lhe fornecer um feedback requer alguma atenção. A velocidade da conversa, o tom de voz, a projeção da excitação ou da preocupação são aspetos significativos. Se a informação for transmitida de forma negativa, o problema complicar-se-á ainda mais (Cunha, 1998).

Com base em Schmidt (1993); Mota (1989); Pérez e Bañuelos (1997), o feedback fornecido pelo professor vai de encontro a três objetivos que se interligam e relacionam entre si:

1. **Motivação:** produz motivação ou leva o aluno ou atleta a aumentar seu esforço ou participação;

2. Reforço: fornece reforço tanto para ações corretas e incorretas, sendo respectivamente positivo e negativo;
3. Informação: dá informação sobre erros como base para correção.

Cunha (1998), refere que a frequência e o momento apropriado (isto é, escolher o melhor tempo para reforçar comportamentos desejados e decidir quantas vezes se dará recompensas) pode assegurar a efetividade das recompensas. Nas fases iniciais de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, que se deve enfatizar mais vezes o reforço positivo, reduzindo a sua frequência ao longo do tempo quando o comportamento já foi assimilado.

#### **4.2.3 Dimensões de intervenção pedagógica**

Relativamente às dimensões da intervenção pedagógica, Siedentop (1983), diz-nos que correspondem a um agrupamento e a uma arrumação de destrezas técnicas de ensino num sistema de classificação destinado a estudá-las analiticamente, sem contudo se perder a visão global da competência para ensinar. Posto isto, o autor faz referência a quatro dimensões: Disciplina, Clima, Gestão e Instrução.

- Disciplina – comportamentos apropriados Vs comportamentos não apropriados;
- Clima - aspetos da intervenção pedagógica que se relacionam com as interações pessoais, as relações humanas e o ambiente;
- Gestão – produção de elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interferiam com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula;
- Instrução - preleção, explicação, demonstração, feedback, e outras comunicações de informação sobre a matéria de ensino.

#### 4.2.4 Princípios de intervenção pedagógica

Segundo Onofre (1995), os princípios de intervenção pedagógica são:

- a) Garantir a atenção e concentração dos alunos durante os momentos em que o Professor realiza a informação;
- b) Garantir a participação voluntária dos alunos nos períodos em que o Professor os questiona sobre as atividades a realizar, ou realizadas, durante a aula;
- c) Garantir que os alunos conheçam os pontos fundamentais dos conteúdos da aula e formulem uma imagem concreta das tarefas a realizar;
- d) Conseguir que os alunos entendam que as várias fases da aula formam uma unidade e qual o contributo de cada fase para o todo da aula;
- e) Garantir que os alunos fiquem sem dúvidas sobre as atividades a realizar na aula;
- f) Conseguir que os alunos percebam a relação entre a organização e os objetivos de aprendizagem da aula;
- g) Minimizar o tempo despendido em informação durante a aula;
- h) Garantir a ligação entre o trabalho realizado na aula e aquele que se prevê para as aulas seguintes;
- i) Garantir que os alunos saiam da aula com uma ideia clara quanto aos êxitos e as dificuldades que manifestaram na aprendizagem;
- j) Garantir o contributo de cada aula para aprendizagem dos alunos ao longo da unidade didática;
- k) Garantir que os alunos sintam que aprendem coisas importantes para eles;

Para Onofre (1995), estes princípios devem ser respeitados tendo em conta: a redução do tempo gasto nos momentos de informação à turma e o respeito à clareza e objetividade com que se realiza a informação, pois delas vai depender o grau de consciência sobre os desafios da aprendizagem com que o aluno parte para a

atividade e, conseqüentemente, a forma como se empenhará no cumprimento desses desafios

#### 4.2.6 Técnicas de instrução em Educação Física

De acordo com Sarmiento et al., (1998),

*“este tema de estudo apresenta os aspetos mais relevantes, aquando de uma sessão (Educação Física e Desporto) no que respeita à apresentação da tarefa, ou seja, quanto às explicações detalhadas sobre os princípios motores da sua realização, sendo fundamental na obtenção de melhores resultados”.*

Assim, torna-se muito importante planear, ensaiar a comunicação, a preleção antes da prática em si ao invés do que acontece por vezes – o imprevisto do momento.

Segundo Sarmiento et al., (1998), interessa conhecer os fatores relevantes da transmissão da informação quanto ao conteúdo, à promoção da aprendizagem e ao encerramento da sessão.

<b>Informa Sobre o Conteúdo</b>	<b>Promove Tarefas de Aprendizagem</b>	<b>Encerramento</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identifica o contexto</li> <li>- Define objectivos</li> <li>- Apresenta os modelos</li> <li>- Outros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta tarefas</li> <li>- Apresenta condições de realização</li> <li>- Apresenta critérios de êxito</li> <li>- Questiona compreensão</li> <li>- Reformula informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Revê conteúdos</li> <li>- Questiona compreensão</li> <li>- Realiza extensões</li> <li>- Solicita opinião</li> <li>- Motiva para a aula seguinte</li> </ul>

Ilustração 3 - Fatores relevantes da transmissão da informação

Como referiu Sarmiento et al., (1998), as intervenções do Professor treinador podem ser também analisadas do ponto de vista da sua forma, isto é, o como isso é feito. Desta forma adiantam-se de seguida um conjunto de aspetos que devem ser levados em conta, em qualquer momento de preleção.

Posição/formação	Sequência/dinâmica	Figuras e esquemas	Clareza	Audição
- formação alunos - local prelecção - orientação turma - postura da turma - postura do professor	- sinopse e síntese - lógica sequencial - foco - marcação partes - velocidade de exposição	- legibilidade - qualidade gráfica - valor - conteúdo - dimensão - outros	- terminologia - conceitos-chave - controlo	- tom e voz - Altura da voz

Ilustração 4 - Forma de comosão feitas as intervenções

### 4.3 Metodologia

Neste estudo, para realizar a observação do comportamento do professor durante a sessão – a aula – foi utilizado um instrumento de observação chamado Sistema de Análise do Comportamento do Treinador (CBAS). Este sistema foi desenvolvido por Smith, Smoll e Hunt com o objetivo de estudar o comportamento do treinador, nomeadamente, o tipo, a frequência e a qualidade dos feedbacks que os treinadores fornecem aos seus atletas durante as situações de treino ou de jogo.

O CBAS avalia 12 dimensões do comportamento dos treinadores, classificadas e categorizadas em dois tipos principais de comportamento do treinador: comportamentos reativos e comportamentos espontâneos. Os comportamentos reativos do treinador referem-se às suas respostas face à variedade de comportamentos dos atletas, quer sejam de rendimento ou esforço desejável, erros e falhanços dos atletas e comportamentos inadequados ou desajustados. Especificamente, o CBAS permite duas respostas do treinador aos desempenhos desejáveis (reforço positivo e não reforço) e cinco respostas para uma execução com erros por parte do atleta (ânimo ao erro, instrução técnica ao erro, punição, instrução técnica punitiva, ignorar erro). Relativamente aos comportamentos inadequados, o treinador especifica uma resposta de manutenção de controlo desses comportamentos.

Por sua vez, os comportamentos espontâneos do treinador, referem-se a comportamentos dos atletas diretamente relacionados e/ou irrelevantes para o jogo ou treino. Nesta categoria, o CBAS providencia quatro tipos de comportamentos do treinador: instrução técnica geral (não é dada uma resposta particular a uma

tentativa de desempenho), animo geral, organização geral e comunicação geral irrelevante ao jogo.

Das doze categorias de comunicação, seis são dirigidas ao atleta individualmente que por sua vez integram três dimensões comportamentais dos treinadores:

- Sustentadora - reforço positivo e animo ao erro;
- Instrutiva - com instrução técnica geral e instrução técnica ao erro;
- Punitiva - punição e instrução técnica punitiva.

Das restantes seis categorias do CBAS, duas refletem a indiferença do treinador face a ações, positivas ou negativas, dos atletas - não reforço e ignorar erro.

As outras quatro exprimem comunicação direcionada para a equipa ou para outros presentes:

- Iniciativas destinadas a prevenir episódios de disciplina – manter o controlo;
- Intervenções para encorajar a equipa - ânimo geral;
- Intervenções para melhorar ou alterar a organização da equipa - organização geral;
- Comunicação direcionada a não participantes na competição e não se relacionando com esta - comunicação geral.

Para o presente estudo, como já foi referido anteriormente, o CBAS foi adaptado à observação dos comportamentos de um professor estagiário de Educação Física nas suas aulas numa turma de 10.º ano da Escola Secundária José Falcão.

### **Participantes:**

Neste estudo há apenas um participante, que é o professor estagiário de Educação Física. Este professor licenciou-se em Ciências do Desporto em 2010 e é atual mestrando finalista em Mestrado da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Ambos os cursos foram realizados na Faculdade de Ciências do

Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. É um professor com 22 anos, com pouca experiência pedagógica, ainda que no ano passado tivesse assumido funções em atividades extra curriculares no 1.º ciclo do Ensino Básico.

## **Procedimentos**

Em primeiro lugar, quando nos propusemos a realizar este estudo, surgiu a necessidade (obrigatoriedade) de pedir autorização à escola, aos alunos e respetivos encarregados de educação, para se poderem filmar as aulas. Ao início alguns alunos mostraram-se um pouco reticentes mas acabaram por conceder a autorização.

Após a recolha do material de filmagem e das autorizações disponíveis procederam-se uma série de reuniões com as pessoas que nos propuseram a realização deste estudo, o professor doutor Carlos Gonçalves e o Doutorando Artur Santos, com o objetivo de nos dar a conhecer o instrumento de observação. Foram estudadas as várias categorias e durante algum tempo foram sendo retiradas dúvidas acerca de comportamentos que poderiam hipoteticamente ser encaixados em mais que uma categoria, uniformizando assim os critérios.

Ao início, foi difícil e muito dispendioso em termos de tempo, contudo, depois de algumas observações experimentais o processo foi-se tornando cada vez mais fácil e simples.

Foram gravadas seis aulas, três no primeiro período e as restantes três no segundo período. Para cada uma destas aulas foram destinados dois observadores independentes, realizando-se depois a média das duas observações para cada uma das aulas.

## **4.4 Resultados**

No gráfico seguinte, estão representadas as percentagens correspondentes a cada categoria do CBAS de acordo com as médias dos dois observadores em relação às três aulas – 1.º Período.

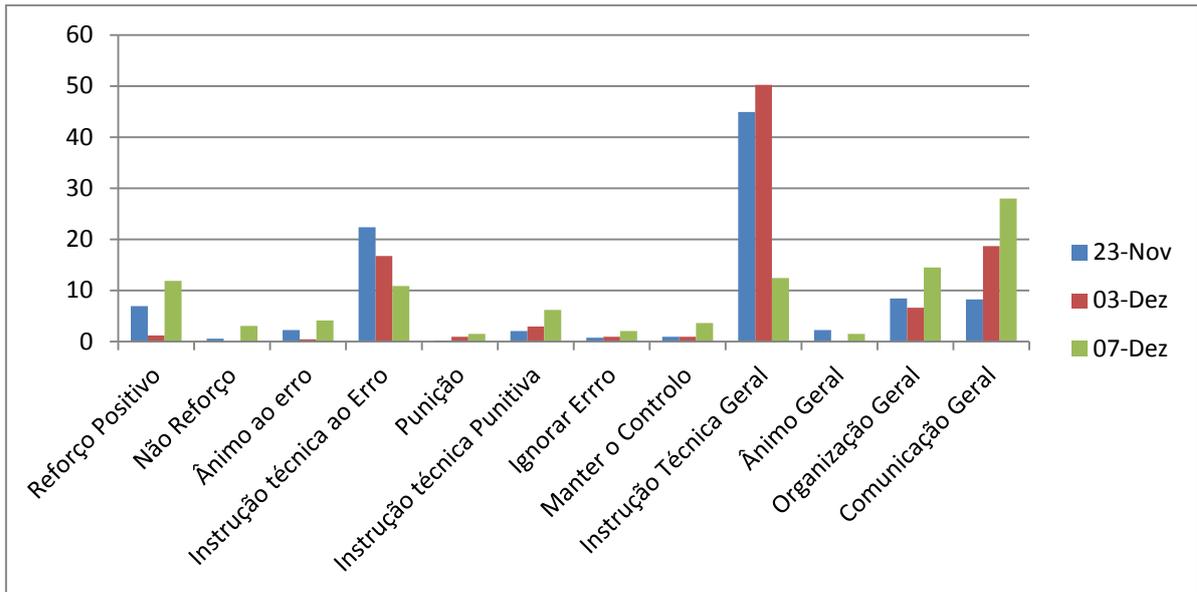


Ilustração 5 - Observação das aulas no 1.º Período

Ao analisar o gráfico é notório que a comunicação do professor ao longo das observações realizadas no 1.º Período incidiram mais nas categorias do reforço positivo, instrução técnica ao erro, instrução técnica geral, organização geral e comunicação geral. A instrução técnica geral é a categoria mais utilizada, distinguindo-se das restantes.

O seguinte gráfico representa o mesmo que o anterior mas em relação às últimas três aulas – 2.º Período.

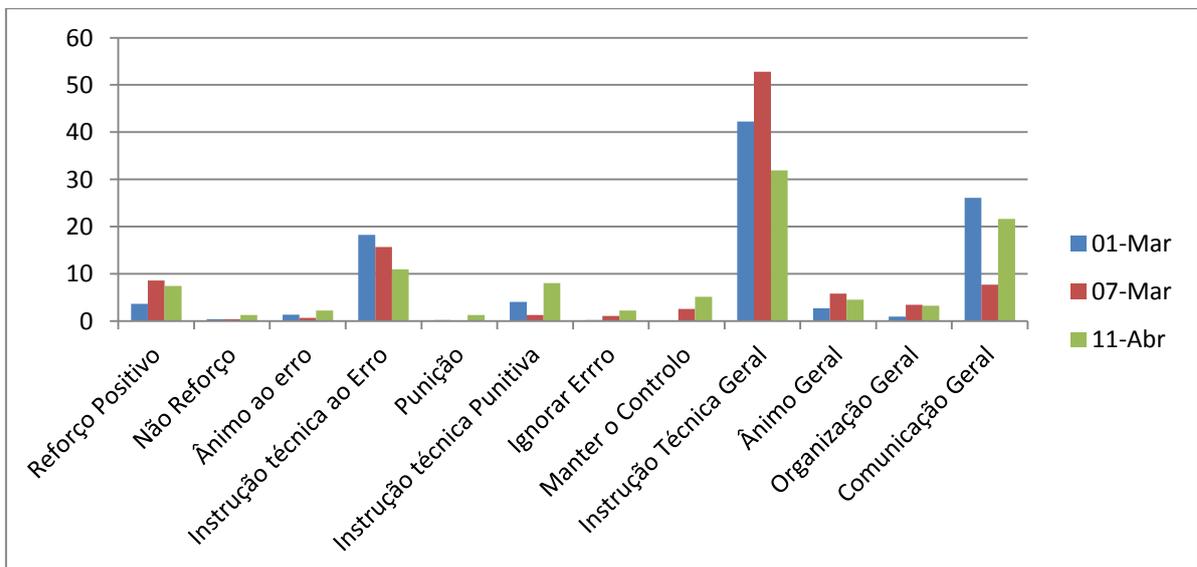


Ilustração 6 - Observação das aulas no 2.º Período

Relativamente ao 2.º Período, a tendência mante-se uma vez que as categorias mais utilizadas pelo professor são as mesmas que no 1.º Período (reforço positivo, instrução técnica ao erro, instrução técnica geral e comunicação geral) com exceção da organização geral.

Após serem observados os gráficos correspondentes às três aulas de cada Período, procedeu-se à comparação entre os valores obtidos entre o 1.º e 2.º Período através das médias calculadas nas três aulas observadas nos dois momentos diferentes de observação.

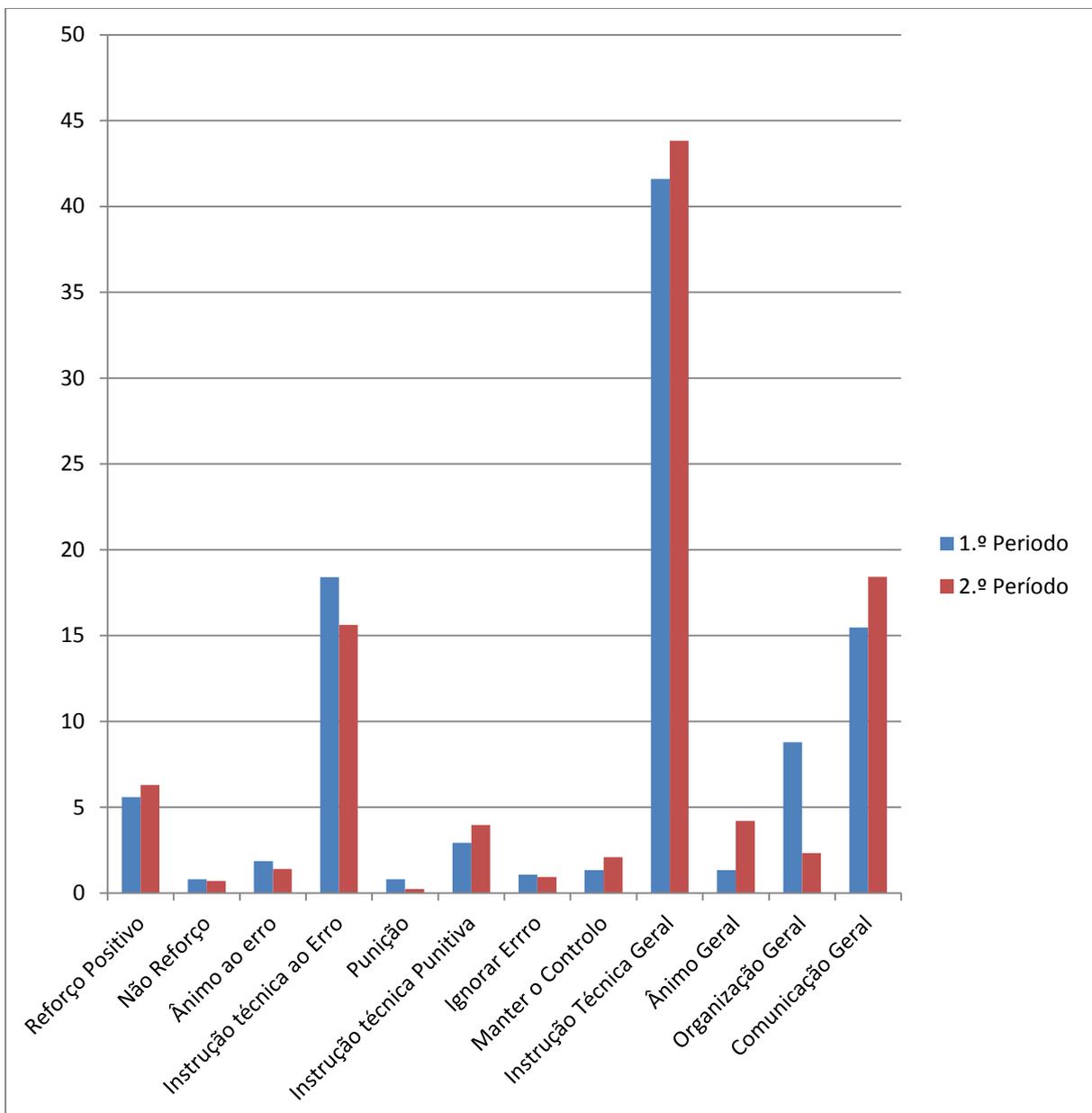


Ilustração 7 - Comparação entre o 1.º e 2.º Período

Através da visualização do gráfico podemos retirar algumas ilações. Em primeiro lugar, a comunicação do professor não se alterou muito entre os dois momentos. Contudo, há curiosidades interessantes que evoluíram de um momento para o outro que interessam ser discutidas. Relativamente ao reforço positivo, houve um aumento no 2.º Período e isto pode dever-se ao facto do nosso orientador de estágio insistir muito para que nós dessemos muito feedback positivo aos alunos. O elogio à ação do aluno ou até ao próprio aluno leva ao reconhecimento social, a possibilidade de vir a ter mais tempo de participação na atividade, mantendo o aluno motivado. Sarmiento (2005), refere que o treinador deve assegurar o fornecimento de mais *feedbacks* positivos do que negativos e reprimendas, o que não significa que o treinador não corrija os erros para ser simpático para com os atletas. Segundo Cunha (1998), o elogio pode levar a colocação de maior empenho na execução das tarefas, engendra um melhor ambiente de trabalho e gera sentimentos agradáveis de quem os recebe para quem os emite. Não se pretende com isto dizer que não devam ser feitas críticas aos atletas. Estas, ao serem emitidas, deverão ser feitas mais como estímulo de motivação para o comportamento sequente do que para a correção do erro cometido. Num clima positivo, os alunos estarão mais recetivos às críticas.

O não reforçar um comportamento positivo de um aluno, na minha opinião deve ser evitado. Eu já fui e sou aluno e sempre que fazia algo bem gostava de ser elogiado, referenciado. De maneira geral, todas as crianças têm este pensamento. O facto de não reforçar um aluno e mais tarde reforçar outro contribui para um mau clima de aula na medida em que os alunos estão atentos a estas situações e sugerem, nestes casos, que o professor tem preferências, ainda que o tivesse feito ao acaso e sem qualquer maldade. O professor raramente teve este comportamento nos dois momentos de observação.

O ânimo ao erro é, na minha opinião, muito importante, na medida em que constitui um fator de motivação ao aluno. A insistência por parte do professor é fulcral para potenciar a aprendizagem dos alunos, ainda que estes continuem a errar. Relativamente a esta categoria notou-se uma ligeira redução no 2.º Período, talvez pelo fato dos alunos não errarem tanto numa determinada matéria. Contudo, em ambos os momentos, o professor utilizou pouco o ânimo ao erro e isto deve-se,

talvez, ao fato do nível de proficiência motora da turma ser elevado e ao errar menos, o professor não necessita de comunicar tanto neste sentido.

Por sua vez, a instrução técnica ao erro, é uma das categorias em que o professor mais se apoia em todos os momentos da observação, constituindo 15 a 20% de toda a comunicação efetuada. No 2.º Período houve uma redução da comunicação neste sentido. Esta alteração pode estar associada à justificação dada na categoria anterior, ou então pelo simples fato dos alunos terem evoluído quanto aos seus desempenhos numa dada matéria.

A punição raramente foi observada, constituindo a categoria com menos percentagem de utilização. A punição assume aqui dois caracteres que importam ser explicados. Pode estar relacionada com comportamentos desadequados à aula, faltas de respeito para com o professor ou colegas, ou seja situações graves de comportamentos de desvio. Ou pode assumir uma função mais “leve” que está relacionada com “castigos” que se aplicam após a perda de um jogo, após chegar atrasado, entre outros. Nestes casos, é dito ao(s) aluno(s) para fazerem flexões, abdominais, etc..

Por sua vez a instrução técnica punitiva verifica-se quando a instrução técnica e a punição se fundem na mesma mensagem; é uma instrução técnica ao erro hostil. Esta foi a única categoria referente ao erro que aumentou a sua frequência do 1.º para o 2.º Período. Uma explicação que poderá ser possível, é o fato dos comportamentos dos alunos terem piorado no 2.º Período, o que levou o professor, ainda que de forma involuntária, ou não, estar menos recetivo ao erro por parte dos alunos devido à sua falta de atenção ou brincadeira nas aulas.

No que diz respeito ao ignorar o erro, constata-se uma ligeira redução no 2.º Período em relação ao 1.º. Nesta altura o professor deveria já ter desenvolvido estratégias de colocação no espaço de modo a visualizar e controlar melhor os alunos, ou talvez quisesse ser mais exigente relativamente ao desempenho dos alunos. Contudo, são valores muito baixos, o que é bom. Significa que o professor teve a preocupação de dar algum feedback sempre que observava algum erro no desempenho dos alunos.

Realizando um balanço dos comportamentos reativos do professor como resposta ao erro, todos eles diminuíram no 2.º Período com exceção da instrução técnica punitiva, como resposta ao erro.

Nas respostas aos comportamentos indesejáveis, com o objetivo de manter a ordem, o controlo, notou-se um aumento do 1.º para o 2.º Período. Na minha opinião como observador das aulas, isto deveu-se ao fato do comportamento dos alunos ter vindo a piorar ao longo do ano letivo. Notou-se pouco controlo do professor sobre a turma, tendo este que dedicar mais tempo à comunicação de ajustes de comportamento como por exemplo fazer apelos às normas básicas de postura na aula como mandar calar os alunos sempre que queria falar. Surpreendentemente, esta é uma categoria com pouca percentagem dada a minha ideia geral da turma cujo o comportamento não é o mais adequado.

Tanto no 1.º como no 2.º Período, a instrução técnica geral representa quase 45% da comunicação efetuada pelo professor. No fundo é a transmissão dos conteúdos, é a explicação dos exercícios, é toda a ação que o professor planeia antes da aula. Entramos assim no campo dos comportamentos espontâneos que não provêm de ações dos alunos. Esta, naturalmente, foi a categoria onde mais se baseou o comportamento do professor, em ambos os momentos de observação.

O ânimo geral é das categorias que mais evoluiu ao longo do tempo. Esta turma pareceu-me um muito desmotivada e isso está diretamente relacionado com o aumento da percentagem desta categoria do 1.º para o 2.º Período. A estratégia que o professor adotou para atenuar este fato foi dar mais ânimo aos alunos tentando, desta forma, motivá-los.

Relativamente às questões organizativas, podemos observar no gráfico a estrondosa descida no 2.º Período. Penso que esta verificação é natural na medida em que com o passar das aulas, o professor foi-se munindo de conhecimentos, muitos deles inevitavelmente através da experiência, acerca da comunicação relacionada à organização geral. Os processos organizativos da aula devem ocupar o mínimo de tempo possível porque são nestes períodos que os alunos estão em inatividade motora o que é um prejuízo para as suas aprendizagens e

consequentemente, desempenhos. Isto pode ser interpretado através do ganho de skills e/ou adoção de estratégias que o professor adquiriu de forma a “perder” menos tempo com a parte organizativa da aula. Ou ainda, pelo facto de os alunos no 2.º Período já estarem rotinados com as questões organizativas adjacente à aula pelo que não era necessário o professor comunicar tanto nesse sentido.

Por último, a comunicação geral é das categorias mais utilizadas pelo professor, representando entre 15 a 20% da comunicação efetuada. Este tipo de comunicação caracteriza-se pela interação com os alunos sobre temas que não se referem a situações da aula ou de atividades do grupo. Pode ser uma estratégia de gestão do clima, por exemplo. A Comunicação, neste sentido, aumentou no 2.º Período.

#### **Fatores que influenciam os resultados da observação:**

- Pouca experiência dos observadores: a inexperiência relacionada ao uso do instrumento de observação por parte dos observadores, pode ser um fator de distorção dos dados obtidos. Com certeza que existem comportamentos do professor que para um observador pertence a uma categoria e para outro pertence a outra categoria, dada a sua subjetividade.
- O professor saber que está a ser avaliado quanto aos seus comportamentos: o professor ao saber que está a ser observado tem a tendência a alterar o seu comportamento natural. Tenta fazer uma aproximação ao professor eficaz, planeando e realizando a aula com outro cuidado que não o habitual.
- Unidade didática: a matéria abordada influencia muito o comportamento do professor. Há matérias em que a turma é muito boa e portanto irão verificar-se poucos erros por parte dos alunos que por sua vez se traduzirá em poucas respostas aos mesmos por parte do professor. Por outro lado a função didática da aula é outro fator que pode diferenciar os resultados. Se for uma aula inicial, de introdução de conteúdos, é natural que a instrução técnica geral seja predominante. O estilo de ensino utilizado é, também, influenciador do comportamento do professor na medida em que a comunicação realizada pelo professor difere muito se este utilizar um estilo de ensino por comando,

ou por outro lado, um estilo de ensino de produção divergente onde os alunos são muito mais autónomos nas suas aprendizagens que no primeiro.

- Espaço: é completamente diferente dar aulas num ginásio de ginástica, onde se consegue um maior controlo sobre a turma, sobretudo em termos de organização sem perdas significativas de tempo do que num campo de Andebol com dimensões muito superiores. É óbvio que a comunicação, por parte do professor, neste sentido é diferente.

#### **4.5 Conclusão**

Tendo em conta a grande limitação que este estudo apresenta relativamente ao facto do instrumento de observação (CBAS) ser adaptado à observação do professor de Educação Física nas suas aulas, ao invés do propósito da sua conceção que é ser direccionado à observação e análise da comunicação do treinador em competição/treino, foi possível formular um conjunto de conclusões.

Em primeiro lugar, a comunicação que o professor dirigiu aos seus alunos, manteve-se constante nos dois Períodos em relação às categorias mais utilizadas que por sua vez foram: o reforço positivo, a instrução técnica ao erro, instrução técnica geral e comunicação geral.

Destas categorias mais utilizadas, só a instrução técnica ao erro é que diminuiu no 2.º Período, ao contrário de todas as outras que aumentaram nessa segunda fase da observação.

A categoria mais utilizada pelo professor, foi em ambos os Períodos e com distinção significativa das outras, a instrução técnica geral. Por outro lado, a categoria menos utilizada, também ela nos dois Períodos, foi a punição.

A oscilação mais acentuada verifica-se na parte da organização. Houve uma enorme descida da comunicação neste sentido, no 2.º Período.

Para concluir, afirmo que estas alterações entre o 1.º e o 2.º Período surgiram de conselhos dados pelo orientador assim como de reflexões críticas acerca da comunicação efetuada na aula por parte do próprio professor. O orientador de estágio sempre insistiu para que a nossa comunicação incidisse principalmente em reforços positivos, elogios e correção aos erros e por outro lado diminuir a frequência da comunicação em relação aos processos organizativos traduzindo estes episódios de organização em processos eficientes.

Relativamente à comunicação geral, penso que o aumento no 2.º Período deve-se ao ganho de experiência em relação ao 1.º Período. O professor no segundo momento, conseguiu abster-se mais dos processos relacionados com a aula, ganhando um à vontade para comunicar quer com os alunos quer com outros intervenientes acerca de assuntos irrelevantes à aula.

## **5.CONCLUSÃO**

Qualquer grupo de estágio, tem impacto na escola que está inserido. O meu não foi exceção. Em primeiro lugar todos os estagiários foram muito bem acolhidos, recebendo desde logo, o apoio de todos os professores do grupo de Educação Física. Estabelecemos boas relações entre nós, estagiários, e entre os outros professores criando-se um bom clima de trabalho.

Qualquer núcleo de estágio, constitui uma mais-valia para a escola em que se insere na medida em que trás outra dinâmica a todos os processos. Todos os dias, na sala dos professores de Educação Física, aprendi coisas que não sabia mas por outro lado também dei a conhecer algo de novo. Os mais velhos também aprendem com os mais novos e os principais beneficiados com estas trocas de experiências, são os alunos, visto que os professores tendem a aperfeiçoar sempre mais o processo de ensino-aprendizagem.

As atividades extracurriculares que realizamos foram muito apreciadas/elogiadas por toda a comunidade escolar, principalmente a última, que envolveu a maioria da comunidade escolar e também outras entidades não relacionadas com a escola. Foi até emitido um louvor pela direção aos organizadores do evento (estagiários de Educação Física e Professor Paulo Francisco). Evento este que mereceu ser notícia de jornal dada a sua grandiosidade. Logo, este grupo de estágio, deste ano, ficará ligado para sempre à criação da

primeira edição do evento denominado por Grande Prémio José Falcão, tendo aumentando, desta forma, o impacto na comunidade escolar.

Relativamente à prática pedagógica supervisionada que realizei na ESJF, acredito que constituiu a maior aprendizagem a nível pedagógico realizada até hoje na minha formação académica. Pensei que iria certamente aprender muito neste estágio pedagógico mas que em suma já tinha adquirido todos ou grande parte dos conhecimentos relativos ao trabalho a ser desenvolvido no estágio. Pois bem, com o passar do tempo apercebi-me que a teoria é um tanto ou quanto diferente da prática. O contexto real das escolas é um pouco diferente com o que nos é relatado na faculdade. Nós, futuros professores, temos de nos adaptar a uma série de características muito próprias que diferem de escola para escola.

Foi sem dúvida o momento onde se verificou um pico acentuado na aquisição de conhecimentos relativos a todo o processo de ensino-aprendizagem. Como grandes responsáveis por esta minha aprendizagem aponto os meus colegas de estágio e o professor orientador de estágio Paulo Francisco. Graças às constantes observações da prestação dos meus colegas nas suas aulas permitiu-me identificar uma série de bons e maus exemplos. Os maus foram sempre apontados de forma a não se repetirem enquanto que os bons tentei adapta-los, se possível, na minha turma. O professor Paulo Francisco foi o agente com mais influência no meu crescimento como professor. As suas críticas construtivas foram sempre aceites e refletidas com o objetivo de melhorar dia após dia. O orientador de estágio indicado pelo Faculdade, o professor Carlos Gonçalves, foi também importante neste processo.

Por fim, queria sublinhar o facto de chegar ao final deste estágio e poder dizer que o aproveitei ao máximo. Correspondeu às minhas expectativas iniciais quando me propus ganhar uma bagagem de conhecimentos que me permitisse um melhor desempenho no futuro como profissional da Educação Física. Penso que marquei os alunos pela positiva e melhor que isso, considero que contribuí, nem que seja um bocadinho, para o seu desenvolvimento, quer seja a nível psico-motor quer seja a nível sócio-afetivo. Foi este o compromisso que assumi e é gratificante constatar que esse objetivo foi cumprido. Poderia ter sido melhor ou pior mas quanto a isso nada pude fazer porque em todas as alturas dei o meu melhor.

## 6. BIBLIOGRAFIA

1. Alarcão, I.; Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Livraria Almedina, Coimbra.
2. Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa, Portugal.
3. Bento, J. O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. In J. O. Bento, *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Coleção Horizonte de Cultura Física.
4. Bento, O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa.
5. Blasquéz Sánchez, D. (1996). *Como evaluar. El proceso de evaluación*. (Pp. 59-118)
6. Coelho, M. (2010) *Textos de Apoio da disciplina Administração Escolar*, do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário. Coimbra: FCDEF-UC;
7. Costa, F. (1996). *Formação de Professores em Educação Física – conceção, investigação, prática*. Edições F.M.H. Lisboa.
8. COUTINHO, (1994). *O Papel do Director de Turma na Escola Actual*. Porto Editora.
9. Cunha, P (1998). *A intervenção do treinador durante o Tempo Morto*. *Treino Desportivo*.
10. Graça, A. Et al. (1994): *O Ensino dos Jogos Desportivos*. FCDEF-UP.

11. Ministério da Educação, (2002). *Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico e Secundário*. Lisboa.
12. Mooston, M. *teaching physical education*. Columbus, OH: Charles E. Merrill, 1981.
13. ONOFRE, M. S. (1995). Prioridades de Formação Didáctica em Educação Física. *Boletim SPEE*, nº 12 Inverno de 1995, pp 81-82.
14. Pereira, P. (2000). *A planificação dos professores de Educação Física: Alguns Contributos para o seu estudo*. Horizonte.
15. PETRICA, J.; SARMENTO, P.; VIDEIRA, M. (2004). A instrução. Análise dos comportamentos de instrução em professores preparados por modelos distintos. *Ludens* – vol. 17, nº 4, pp. 11-19.
16. Piéron, M. (1996). *Formação de Professores - Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Faculdade de Motricidade Humana.
17. Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Bragança: Ed. Instituto Politécnico de Bragança.
18. Ribeiro, F. (2000). *Estudo do feedback pedagógico em alunos estagiários de Educação Física*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
19. Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
20. SARMENTO, P. ; VEIGA, A.; ROSADO, A.; RODRIGUES, J.; FERREIRA, V. (1998). *Pedagogia do Desporto. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Cruz Quebrada: FMH Edições.
21. Rosado, A, & Silva, S. (s.d.). *Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens*. [Http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/conceitos.htm](http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/conceitos.htm)

22. Santos Guerra, M. (2003). *Uma seta no alvo*. A avaliação como aprendizagem. Porto: Edições Asa.
23. Sarmiento, P. (2005). A função pedagógica do treinador – Uma abordagem comportamental. Treino desportivo.
24. Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE.

## ANEXOS

## Planeamento anual

1ª Rotação	2ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
08-10-2012 a		CAMPO	
	<b>Ginástica+Atletismo</b>	<b>andebol</b>	<b>Ginástica+Voleibol</b>
	09-11-2012	3+2	4
2ª Rotação	2ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
12-11-2012 a	Campo 2	CAMPO	Ginásio 1
	<b>Andebol</b>	<b>Andebol</b>	<b>Ginastica Solo/ acrobática</b>
	14-12-2012	5	4+Torneio
3ª Rotação	2ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
03-01-2013 a	CAMPO	PAVILHÃO	GINÁSIO 2
	<b>Futebol</b>	<b>Voleibol</b>	<b>Acrobática</b>
	08-02-2013	5	6
4ª Rotação	2ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
14-02-2013 a	CAMPO	Pista	Campo
	<b>Futebol</b>	<b>Atletismo</b>	<b>Futebol</b>
	15-03-2013	4	5
5ª Rotação	2ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
02-04-2013 a	Pavilhão	PAVILHÃO	G2
	<b>Voleibol</b>	<b>Voleibol</b>	<b>Dança</b>
	03-05-2013	4	4
6ª Rotação	2ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
06-05-2013 a	G1	PAVILHÃO	Pista
	<b>Dança</b>	<b>Voleibol</b>	<b>Atletismo</b>
	07-06-2013	5	6

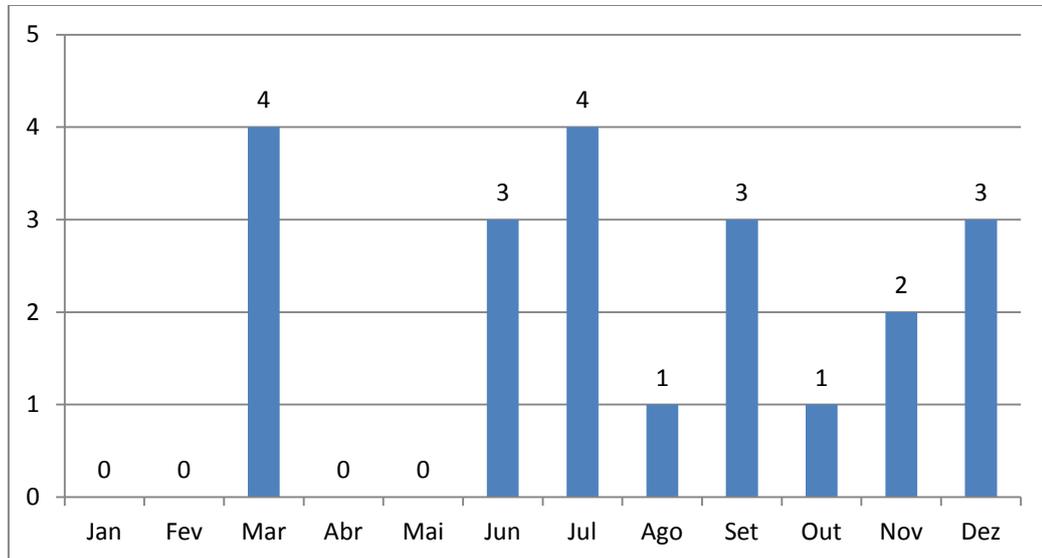
Períodos	1º		2º		3º		Total/ Matéria
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	
Matérias/ Rotações	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	
Aula de apresentação	1						1
Avaliações Diagnósticas	7						7
<b>ANDEBOL</b>	4	9					13
<b>ATLETISMO</b>	2			5		5	12
<b>DANÇA</b>					5	5	10
<b>FUTEBOL</b>			5	8			13
<b>GINÁSTICA</b>	6	4	6				16
<b>VOLEIBOL</b>	1		6		8	6	21
Auto-Avaliações		1		1		1	3
<b>Aulas Previstas</b>	<b>21</b>	<b>14</b>	<b>17</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>17</b>	<b>96</b>

<b>Observações:</b>	3 semanas de avaliação diagnóstica (7 aulas)
Feridos:	5/Outubro (6ª-Feira); 1/Novembro (5ª-Feira); 25/Abril (5ª-Feira)

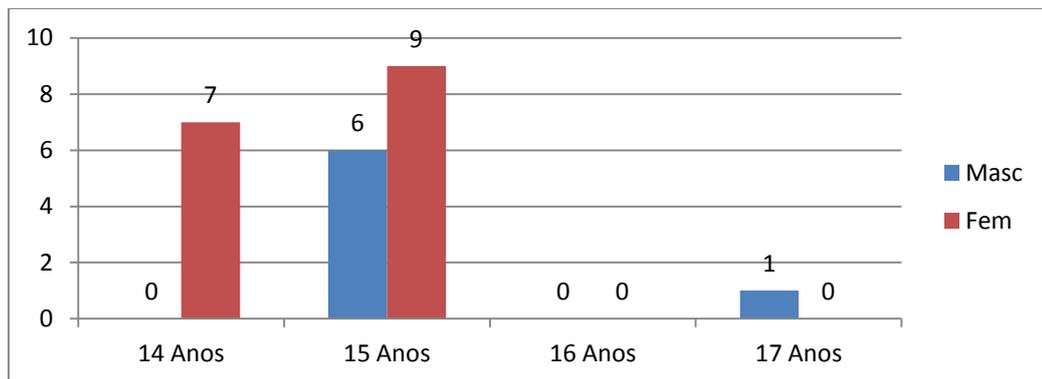
Ao planeamento Anual importa acrescentar que no 1.º Período era suposto existirem mais duas aulas: O dia da escola e o Torneio de Voleibol realizado. Estes dois eventos coincidiram com dias de aula de Educação Física. Portanto o número total de aulas no final do ano será 98.

## Caracterização da turma

### 1. Mês de aniversário (falta 1 resposta)

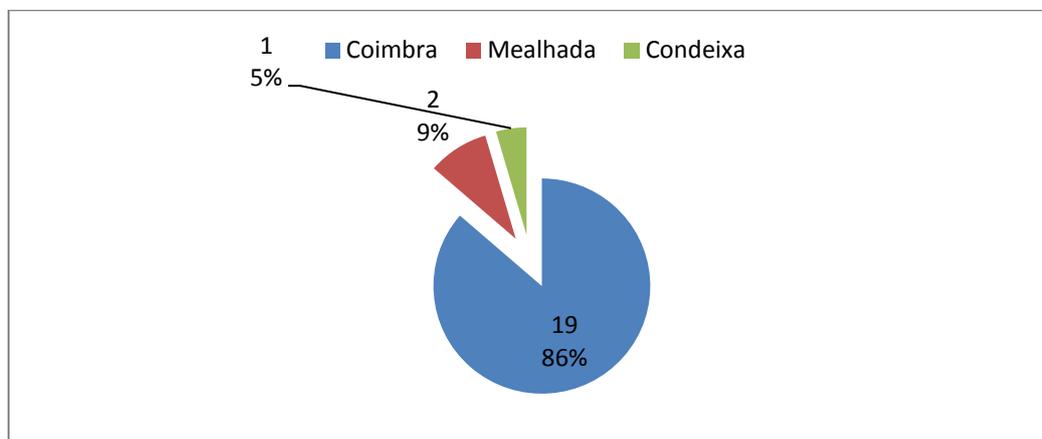


### 2. Idade

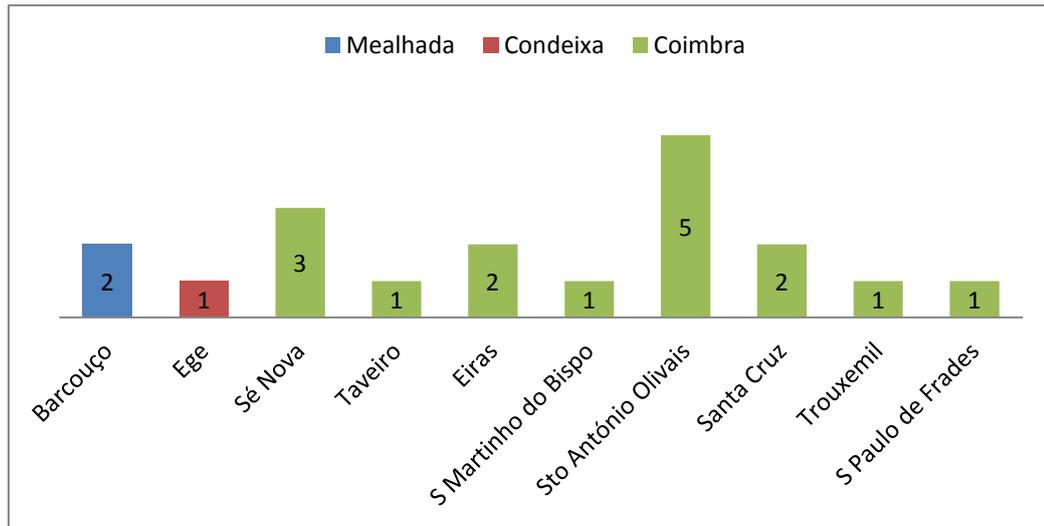


Nota: a média de idades é 14,78.

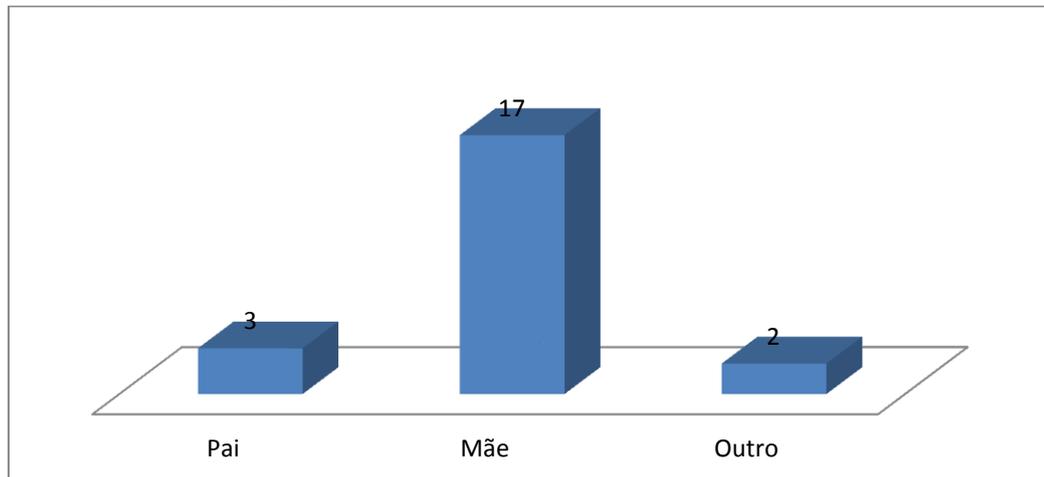
### 3. Concelho



#### 4. Freguesia (faltam 3)

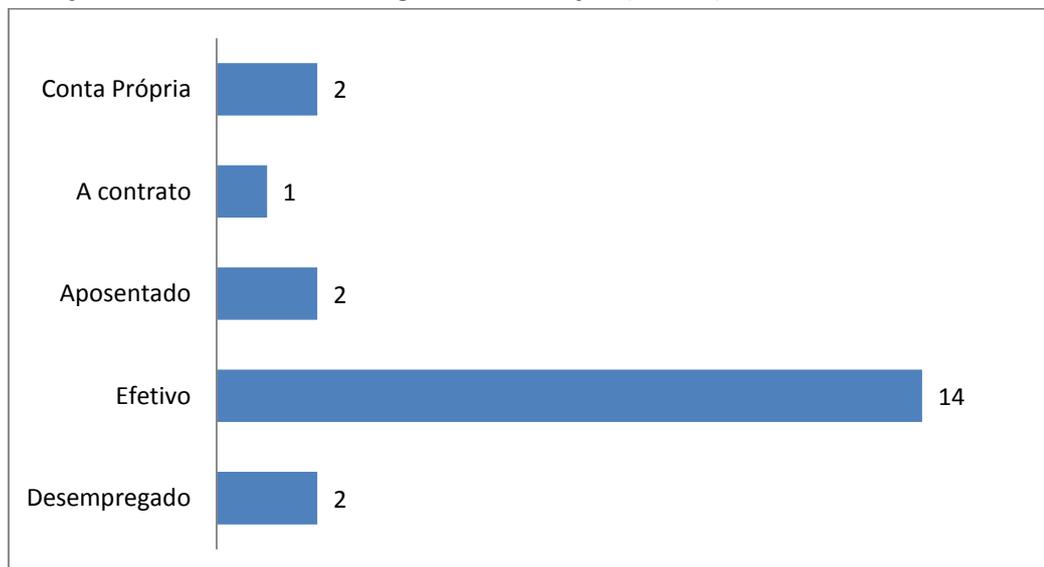


#### 5. Encarregado de Educação

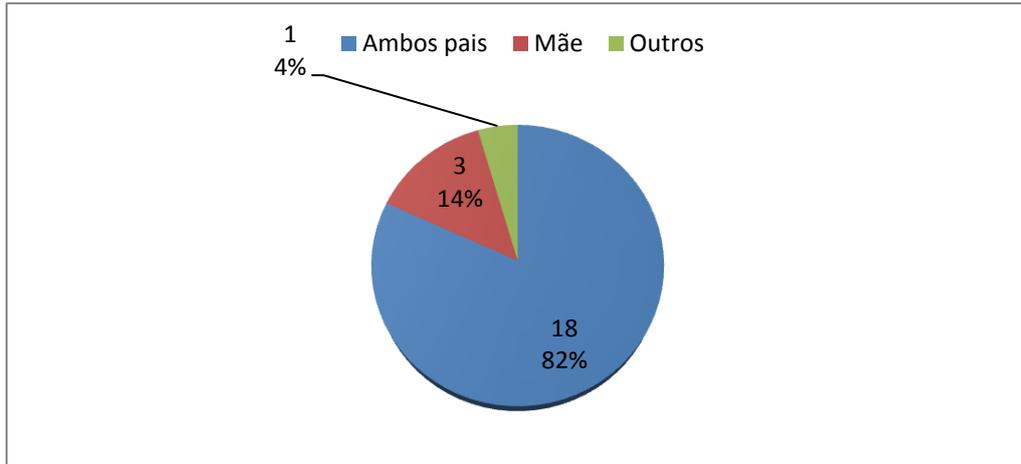


Nota: a média de idades dos Encarregados de Educação é de 45,86.

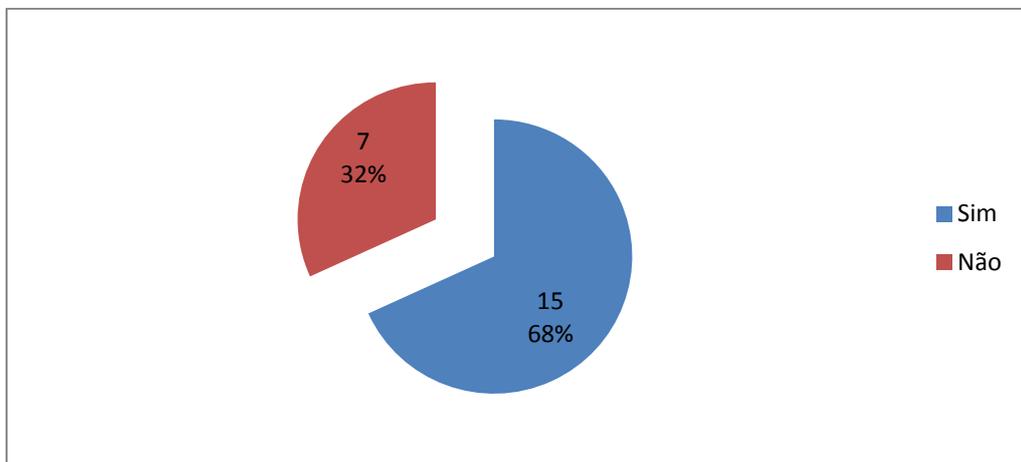
#### 6. Situação Profissional do Encarregado de Educação (Falta 1)



### 7. Agregado Familiar

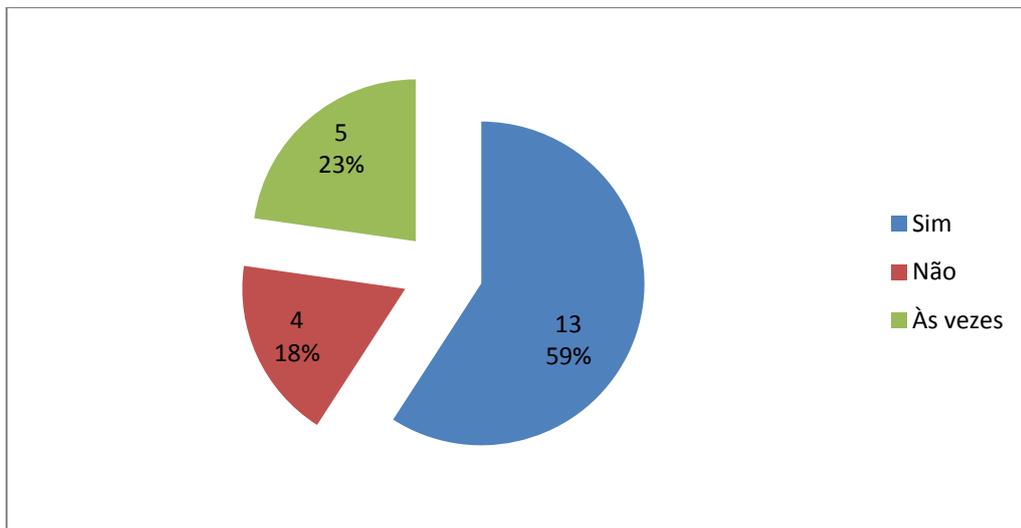


### 8. Estuda todos os dias?



**Nota:** Entre os rapazes só há um que estuda todos os dias. No que diz respeito às raparigas, apenas uma não estuda todos os dias.

### 9. Gosta de Estudar?

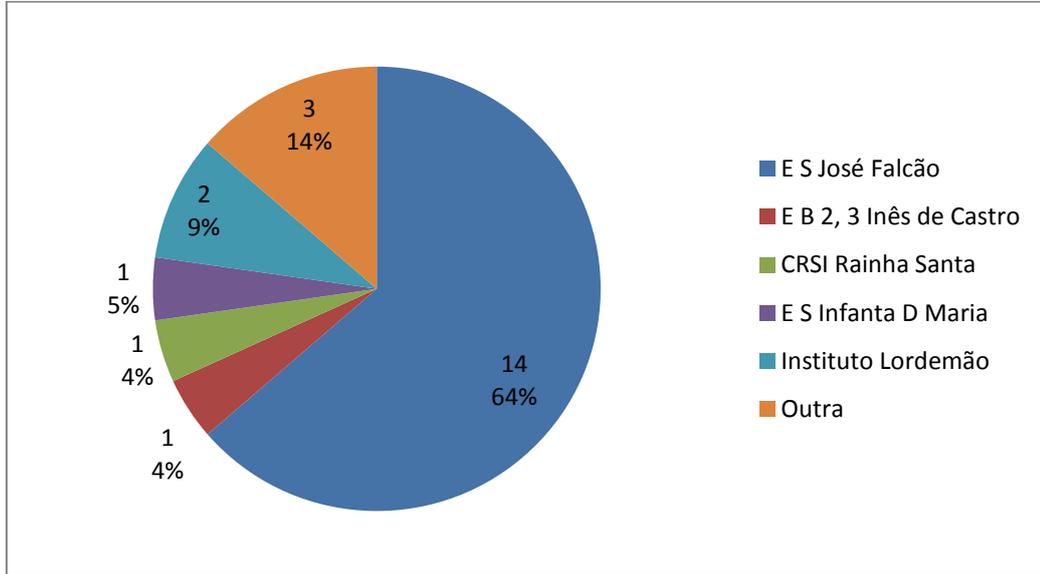


**10. Apoio Pedagógico**

Apenas a aluna

frequenta um apoio, neste caso, o apoio de Matemática.

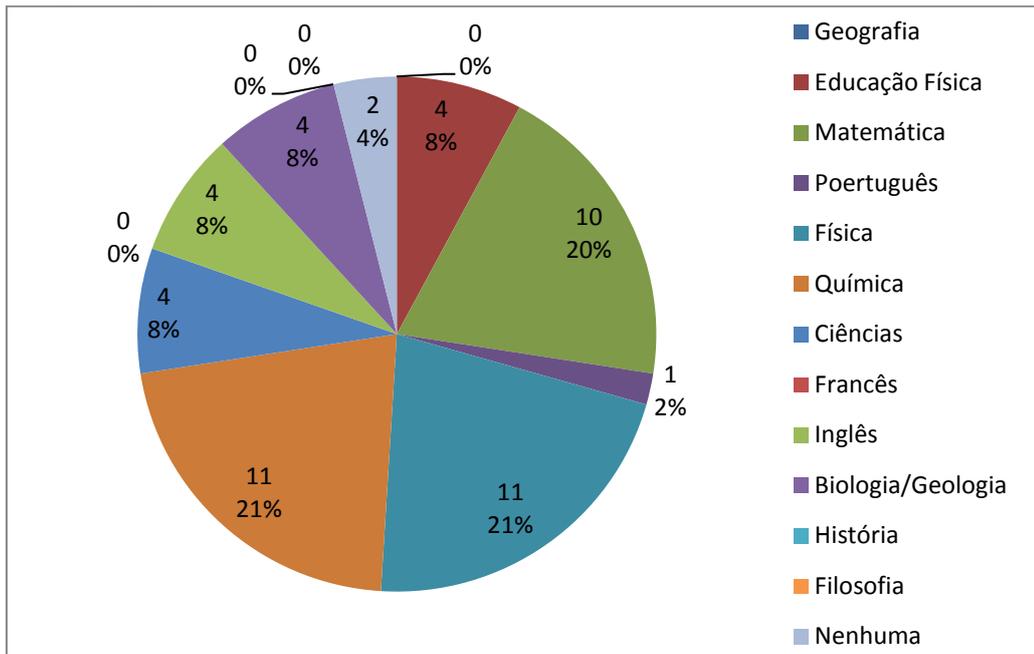
**11. Escola anterior**



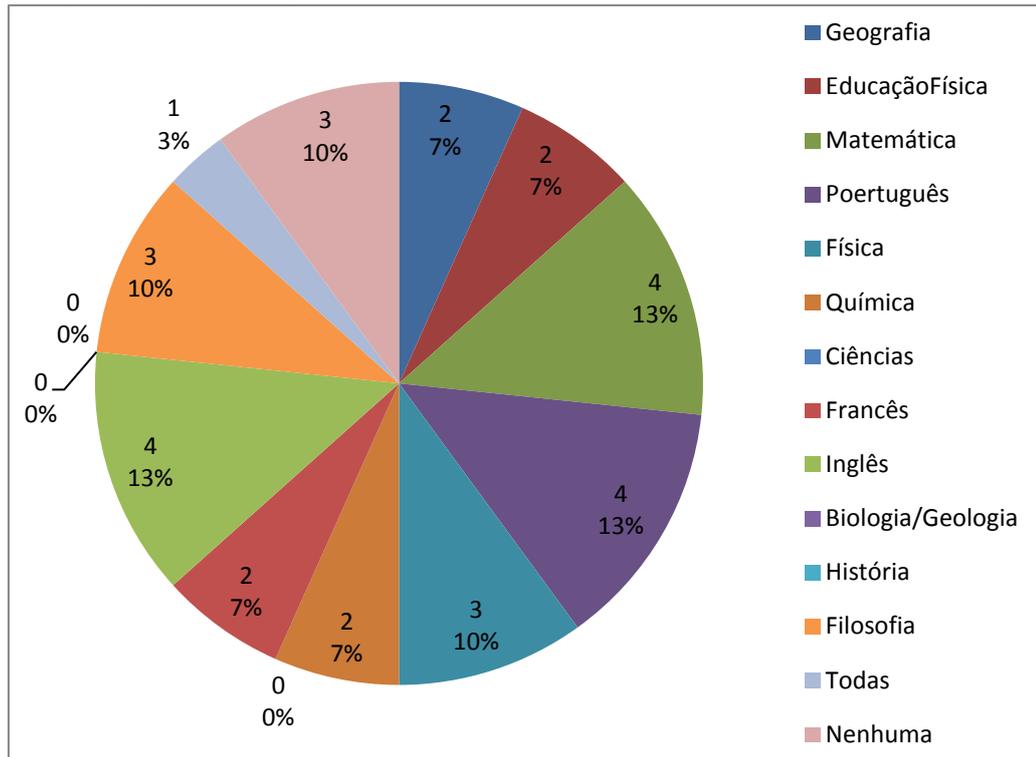
Nota:

E B 2,3 Inês de Castro	
CRSI Rainha Santa	
Instituto Lordemão	
E S Infanta D Maria	
Outra (alunos que não frequentavam a Escola José Falcão e não indicaram a anterior)	

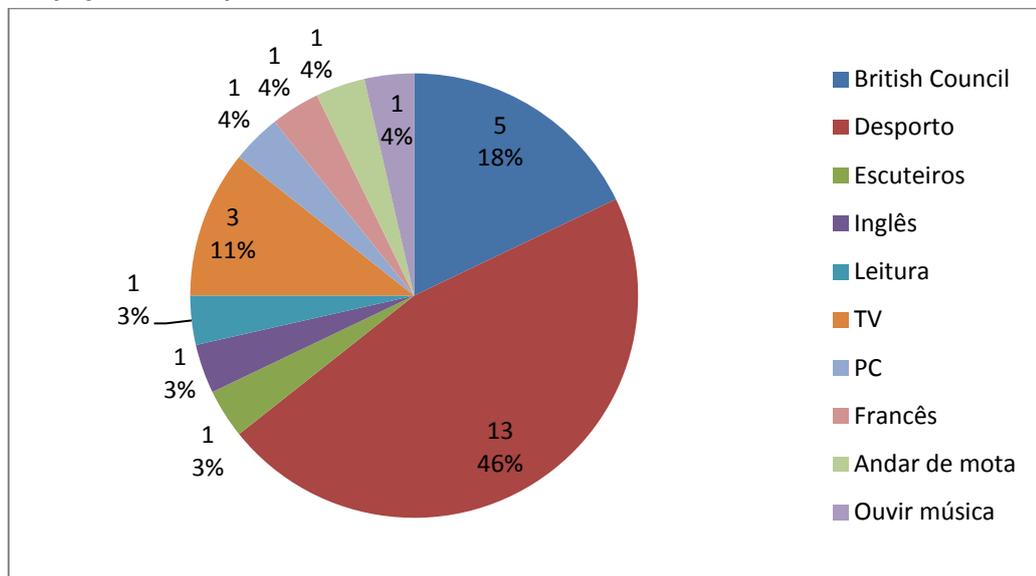
**1. Disciplinas preferidas**



**2. Disciplinas que menos gosta**



**3. Ocupação de Tempos Livres**



#### 4. Percurso até à escola

Nome	percurso até à escola				Freguesia
	a pé	carro	autocarro	mota	
[REDACTED]	20	7			Sto Ant Olivais
[REDACTED]		15	30		Sto Ant Olivais
[REDACTED]			35		São Martinho do Bispo
[REDACTED]		7	10		Santa Cruz
[REDACTED]		10	60		Trouxemil
[REDACTED]					
[REDACTED]		10			São Paulo de frades
[REDACTED]		5			Santa Cruz
[REDACTED]		25			Barcouço
[REDACTED]		20			Ege
[REDACTED]			25		
[REDACTED]			28		Barcouço
[REDACTED]			10		
[REDACTED]		10			Sto Ant Olivais
[REDACTED]	10	3			Sto Ant Olivais
[REDACTED]	10				Sé Nova
[REDACTED]				5	
[REDACTED]	2				Sé Nova
[REDACTED]	5				sé Nova
[REDACTED]		25			Taveiro
[REDACTED]					Sto Ant Olivais
[REDACTED]		10			Eiras
[REDACTED]		10			Eiras

#### 5. Expetativas de estudo

Todos os alunos, com exceção do [REDACTED] pretendem continuar os estudos após terminarem o Secundário.

#### 6. Saúde – dificuldades

Existem seis alunos com dificuldades visuais; são eles:

A aluna [REDACTED] é asmática.

#### 7. Saúde – Alergias

Pólen	
Leite com Chocolate	
pó	
Ervas	

## Plano de aula

### º Período

<b>Lição N°</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>
<b>N° de Alunos</b>	<b>Unidade Didática</b>  <b>Aula N° de</b>	<b>Hora:</b> <b>Dia:</b> <b>Duração:’</b> <b>Tempo Útil:</b>
<b>Recursos Materiais:</b>		

<b>Objetivos/Competências a Desenvolver:</b>
<b>Função Didática:</b>

<b>Tempo</b>		<b>Tarefas</b>	<b>Organização</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Estilos de Ensino</b>
<b>T</b>	<b>P</b>				
<b>Parte Inicial</b>					
<b>Parte Fundamental</b>					
<b>Parte Final</b>					

## Exemplo da folha de registo de presenças

N.º	Aula	1	2	3	4	5	6
	Data	17-Set	20-Set	21-Set	24-Set	27-Set	28-Set
1							
2							
3							
4							
6							
7		x	x	x	x	x	x
8							
9							
10							
11							
12						N fez	
13							
14							
15							
16							
17							atraso
18							
19							
20							
21							
23							
25							
26							
<b>Total de alunos</b>			22	22	22	22	22
<b>Espaço</b>		35	camp	gin1	camp	camp	gin1
<b>Unidade Didática</b>		apre	Av D fut e impl horiz	Av D Gin e sit up	av D fut e emp	fut	gin acrob

## Ficha Síntese

		Ano/ turma:						
		Disciplina: Educação Física						
ANO LECTIVO: 2012 / 2013		Docente:						
Ficha Síntese de Informação						DATA: / 06 /2013		
						ºPeríodo		
Nº	Nome	Desempenho (75%)			Aptidão	Atit./Val. (20%)		2ºP
		Dança	Estafetas	Voleibol	5%	Emp/ Comp	Aav	
1								
2								
3								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
19								
20								
21								
23								
25								
26								
28								
Observações:								
Docente:								

## Exemplo de grelha de avaliação de final de período

N.º	Nome	Condição Física		Componente psico-motora					Atitudes e valores		Resultado (somatório)	AA	Nota final
		Nota	5%	Gin Acrb	Vol	Fut	Nota	75%	Nota	20%			
1		14	0,7	16	13	13	14	10,5	20	4	15,2		15
2		14,3	0,715	18	16	15	16,33333	12,25	18	3,6	16,565	17	17
3		8,67	0,4335	15	11	12	12,66667	9,5	18	3,6	13,5335		15
4		15,7	0,785	14	16	15	15	11,25	17	3,4	15,435	15	16
6		16	0,8	13	16	13	14	10,5	17	3,4	14,7	14	15
7		13,7	0,685	15	11	12	12,66667	9,5	18	3,6	13,785		13
8		14,7	0,735	16	12	12	13,33333	10	18	3,6	14,335	12	16
9		17,7	0,885	15	16	18	16,33333	12,25	17	3,4	16,535	17	17
10		20	1	16	16	16	16	12	20	4	17		18
11		18,7	0,935	14	16	14	14,66667	11	17	3,4	15,335	16	16
12		13,3	0,665	17	13	12	14	10,5	17	3,4	14,565	15	15
13		12	0,6	16	13	12	13,66667	10,25	17	3,4	14,25	15	15
14		17,3	0,865	13	16	14	14,33333	10,75	14	2,8	14,415	14	14
15		16,3	0,815	18	13	13	14,66667	11	19	3,8	15,615		16
16		18,7	0,935	18	13	12	14,33333	10,75	18	3,6	15,285		18
17		16,67	0,8335	16	12	13	13,66667	10,25	17	3,4	14,4835		16
19		14,3	0,715	20	14	14	16	12	18	3,6	16,315	17	18
20		15,7	0,785	18	16	15	16,33333	12,25	18	3,6	16,635		18
21		12	0,6	17	13	12	14	10,5	17	3,4	14,5		15
23		17,3	0,865	18	15	15	16	12	20	4	16,865	16	18
25		20	1	17	14	13	14,66667	11	20	4	16	15	17
26		14	0,7	15	15	14	14,66667	11	14	2,8	14,5	15	15
							14	9,8	19	5,7	15,5		16

## Ficha de observação a colegas de estágio e outros professores

Professor:	Turma:
------------	--------

Observador:
-------------

### º Período

Lição N°	Local	Data
N° de Alunos	Unidade Didática Aula N° de	Dia: Hora: Duração: Tempo Útil:

Critérios		Ins	S	B	MB	N.O.	Observações
Plano de aula	Coerência com UD						
	Pertinência dos conteúdos						
	Especificação clareza						
	Organização do espaço						
Receção aos alunos							
Instrução	Inicial	Explicita objetivos e enquadramento com aula anterior					
	Fundamental	Explicitação verbal dos exercícios					
		Demonstração e correção					
		FB coletivo FB individual					
	Final	Revisão dos conteúdos e planeamento da aula seguinte					
Gestão	Gestão do tempo						
	Organização do espaço						
	Segurança						
	Transições / fluidez						
Clima e disciplina	Controlo da turma						
	Motivação dos alunos						
Comunicação	Clara, audível e eficiente						
	Não verbal; gestual						
Decisões e ajustamentos							

**Parte Inicial****1. Recepção aos Alunos**

--

**2. Informação Inicial**

--

**Parte Fundamental****1. Plano de Aula****1.1. Organização do Espaço**

--

**1.2. Estimulação Motora**

--

**1.3. Segurança****1.4. Conteúdos (Escolha, Objectividade, Pertinência)****Análise Crítica****2.1. Comunicação****2.2. Modelos de Instrução****2.3. Disciplina**

**2.4. Gestão do tempo**

--

**2.5. Decisões de Ajustamento ao Plano**

--

**3. Observações**

--